



**FACULDADE DE CIÊNCIAS E SAÚDE – FACS**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

## **CASAMENTO DURADOURO E CONTEMPORANEIDADE**

**ROSANA RODRIGUES PEREIRA NEVES GONZAGA**

**BRASÍLIA**  
**JUNHO/2006**

**ROSANA RODRIGUES PEREIRA NEVES GONZAGA**

## **CASAMENTO DURADOURO E CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências de Saúde, do Centro de Ensino Unificado de Brasília, sob a orientação da Professora Cynthia Ciarallo.

Brasília/DF, junho de 2006

*Dedico este trabalho ao meu amor, Luís Felipe, que me possibilitou entender o verdadeiro sentido da palavra encontro, aventura, união de corpos, casamento, aceitação, inteireza, respeito, confiança, diálogo, afeto, compaixão, amor. Este trabalho é fruto desta compreensão.*

*Aos meus pais pelo amor incondicional e verdade.*

*A vovó Luiza, por me ensinar a importância da luta para vencer as batalhas da vida com dignidade.*

*Aos meus irmãos, Fábio, Luciana, Susana, cunhada Paula, cunhados Vivarta e Hélio, sobrinhos, tios, primos, por me ensinarem o sentido de compartilhar, dividir e viver em família.*

*Aos meus sogros Maurizil e Cleide, cunhado Alexandre, cunhadas Andréa e Renata, concunhados Luciana, Balbino e Sérgio, sobrinhos e família Canellas, por me ensinarem o sentido da união pela espiritualidade.*

*Aos mestres: Ana Maria, Janice, Leida, Leonor, Suzana, Lydia, Cechim, Cynthia Ciarallo por me ensinarem a importância de ser responsável e ético na profissão.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Ser Superior, DEUS, que me ilumina e me guia todos os dias;

Ao meu companheiro, Felipe, pelo amor e pela dedicação a mim dispensados;

Aos meus pais, meus sogros e demais familiares por confiarem em mim;

A todos os meus amigos que estiveram comigo ao longo dessa nova jornada:

Albanísia, Ana Dagoberto, Ana Patrícia, Ângela, Christina, Cínara, Danny, Égner, Gislaine, Henrique Gabriel, Ilma, Juliana, Keila, Kênia, Lisly, Lúcia Helena, Luciana Kelly, Luciana Pereira, Luciana Sampaio, Marien Cristina, Mônica, Neuza, Olavo, Romana, Sofia, Vanessa e Waldo, pelo carinho e compreensão;

Aos meus inimigos, mensageiros de Deus na terra, que me ensinaram a lidar com a diversidade, impulsionando-me ao crescimento e maturidade;

A minha orientadora Cynthia Ciarallo, por me ensinar o verdadeiro sentido da palavra resiliência e desafio; além de me mostrar a possibilidade de construir um caminho profissional na perspectiva do pensamento social.

*Só vencem na vida os intrépidos que superam os obstáculos com a força de sua convicção. A reação de um ideal tem o Dom de sublimar a alma do homem. (...) é assim que me sinto hoje.*

**Jefferson Dailbert**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO I – NAMORO: AMIZADE, PAIXÃO OU ROMANCE?.....</b>	<b>10</b>
1. AMIZADE NO ENCONTRO AMOROSO.....	10
2. PAIXÃO NA RELAÇÃO AMOROSA.....	11
3. NAMORO ROMÂNTICO.....	13
<b>CAPÍTULO II – CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>15</b>
1. ASPECTOS HISTÓRICOS.....	15
1.1. CASAMENTO TRADICIONAL.....	17
1.2. A MODERNIDADE DA MULHER NO CASAMENTO.....	18
1.3. O CASAMENTO NOS DIAS DE HOJE.....	20
2. DO CASAMENTO: RELIGIOSO E CIVIL.....	21
2.1. CASAMENTO RELIGIOSO.....	21
2.2. CASAMENTO CIVIL.....	22
3. O DEVER DE COMUNGAR PELO CASAMENTO.....	23
4. CO-DEPENDÊNCIA OU SIMBIOSE NO CASAMENTO.....	24
<b>CAPÍTULO III – COMPREENDENDO O RELACIONAMENTO AMOROSO.....</b>	<b>27</b>
1. RELAÇÃO A DOIS NA CONTEMPORANEIDADE.....	27
1.1. A CONJUGALIDADE.....	27
1.2. RELACIONAMENTO DURADOURO.....	28
2. IMPLICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NO RELACIONAMENTO AMOROSO.....	32
2.1. MODERNIDADE.....	32
2.2. FRAGILIDADES NAS RELAÇÕES.....	35
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
1. SUJEITOS.....	39
2. INSTRUMENTO.....	40
3. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	40
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>41</b>
1. OS TRÊS EIXOS DA RELAÇÃO CONJUGAL.....	41
1.1. NAMORO.....	41
1.1.1. Namoro sob a ótica do romance.....	41
1.1.2. Namoro sob a ótica da união.....	42
1.1.3. Namoro sob a ótica da paixão.....	44

<b>1.2. CASAMENTO.....</b>	<b>45</b>
<b>1.2.1. Casamento sob a ótica do formalismo.....</b>	<b>45</b>
<b>1.2.2. Casamento sob a ótica da rotina.....</b>	<b>46</b>
<b>1.2.3. Casamento sob a ótica espiritual.....</b>	<b>48</b>
<b>1.2.4. Casamento sob a ótica da simbiose.....</b>	<b>50</b>
<b>1.3. RELACIONAMENTO AMOROSO.....</b>	<b>52</b>
<b>1.3.1. Relacionamento amoroso: a relação a dois.....</b>	<b>52</b>
<b>1.3.2. Relacionamento amoroso: como ser duradouro.....</b>	<b>54</b>
<b>1.3.3. Relacionamento amoroso: modernidade.....</b>	<b>55</b>
<b>1.3.4. Relacionamento amoroso: fragilidades.....</b>	<b>57</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO I – UMA FESTA DE CASAMENTO.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO II – VACINAS CONTRA A ROTINA.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO.....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE C – CATEGORIZAÇÃO: NAMORO, CASAMENTO E RELACIONAMENTO AMOROSO.....</b>	<b>73</b>

## RESUMO

As mudanças que se operaram nos últimos tempos, não se refletiram apenas no cenário político e socioeconômico, mas também na evolução do conhecimento, na revolução tecnológica e na globalização, além de exercer influência nas relações conjugais. Sob essa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo principal identificar e responder as dúvidas acerca do tema casamento duradouro e contemporaneidade. Foram entrevistados, individualmente, três casais residentes no Plano Piloto, Brasília/DF, casados legalmente há mais de 25 anos. Elaborou-se um questionário sóciodemográfico e uma entrevista semi-estruturada com perguntas a respeito do casamento. A partir das respostas transcritas foi feita uma organização e posterior categorização dos dados coletados, considerando importante três eixos temáticos efetivamente ligados à conjugalidade: namoro, casamento e relacionamento amoroso, para realização da análise de dados no contexto atual. Constatou-se que os contratos estabelecidos pelos cônjuges no início do casamento, bem como a sua revisão são imprescindíveis para a manutenção de um casamento duradouro, tanto em tempos remotos quanto na contemporaneidade. Além disso, identificou-se a ascensão da mulher no contexto social, político, cultural e econômico, destacando-se a sua igualdade dentro da relação conjugal. Tal aspecto não ilidiu a vontade da mulher em continuar investindo na sua vida afetiva e no próprio casamento.

**Palavras-chave:** namoro; casamento; casamento duradouro; relacionamento amoroso; contemporaneidade.



---

*“Que o amor seja infinito enquanto dure”.*

**Vinicius de Moraes**

Todas as mudanças ocorridas na sociedade refletiram nas relações conjugais trazendo vantagens significativas; uma delas, quiçá a mais importante, foi a independência financeira da mulher. Destarte, a mulher passou a ter relações mais igualitárias, com poder de decisão e autonomia frente ao namorado, ao cônjuge e/ou à pessoa envolvida na relação amorosa, não raro vislumbrando a constituição de uma família.

Voltando à sensibilidade de Vinícius (1913 – 1980), perquire-se se o amor no casamento pode superar os obstáculos que se apresentam na atualidade e assim perdurar pela eternidade.

Sob essa perspectiva, muitas dúvidas surgem quando o tema é casamento, quais sejam: O amor romântico é idealizado desde o namoro, tomando uma aura perfeita e eterna? Amor à primeira vista é possível? A paixão ou a atração física sustentam um namoro? O casamento exige dos cônjuges o cumprimento de certos deveres no dia-a-dia? O casamento é a peça-chave de todo sistema social, constituindo o pilar do esquema moral, social e cultural no mundo ocidental? Como manter um relacionamento amoroso a dois na modernidade? Como lidar com as fragilidades advindas de uma relação amorosa?

As transformações que ocorreram nos relacionamentos, entre homens e mulheres, geraram novos tipos de relações amorosas. Nesse contexto, destaca-se a visão romântica em torno do casamento, a exacerbada idealização e a elevada expectativa em relação ao casamento e as relações familiares, que acabam por frustrar os parceiros e até ser motivo para rompimento.

---

Estes novos tipos de relacionamentos amorosos não podem ser conceituados dentro de um determinado padrão, sob pena de se cair em um "reducionismo ingênuo", como diz Costa (1998, p. 161), sendo necessário, então, para seu conhecimento, recorrer ao seu sentido popular, isto é, ao que é construído, não pela ciência, mas pela vida cotidiana, pelo imaginário e realidade vivida e produzida por quem dela faz parte. Os relacionamentos se articulam, ainda, ao amor, concentrando as emoções e as esperanças de felicidade. Ressalta o autor em tela, que o amor passa a ser "(...) uma palavra semanticamente articulada a outras, como prazer, bem-estar, conforto, felicidade, boa vida, alegria ou, ao contrário, a sofrimento, decepção, frustração. Ideais impossíveis, esperanças não correspondidas e assim por diante".

Hunt (conforme citado em Costa, 1988, p. 151) afirma que:

*O amor romântico pode não ser a última e melhor maneira de escolher um parceiro, mas é a única de que dispõe o homem moderno. (...) a despeito de suas tolices e desilusões, divórcios e infidelidades, todos supostamente tidos como conseqüências do amor romântico, sem ele o homem e a mulher moderna não encontrariam um no outro aquela única, frágil e difícil mistura de protetor e protegido, pais e filhos, conforto e tentação, amigo e amante, que é atualmente implícita na palavra marido e na palavra mulher.*

Colares (2000) afirma que "não podemos nos afastar da citação de Modestino, ao buscarmos a trilha da decodificação do sentido de casamento para as sociedades ocidentais". Diz ele que o casamento é "a conjugação do homem e da mulher, que se associam para toda a vida, a comunhão do direito divino e do direito humano". O que se vê aqui são as matizes do casamento sexista, indissolúvel e portal entre o divino e o profano. Durante muitos séculos esse foi o único modelo vislumbrável pelas sociedades ditas civilizadas, embora não tenha sido apenas essa forma de casamento a única a ser contemplada na história.

Para Clóvis Beviláqua (conforme citado em Colares, 2000):

*O casamento é um contrato bilateral e solene, pelo qual um homem e uma mulher se unem indissoluvelmente, legitimando por ele suas relações sexuais; estabelecendo a mais estreita comunhão de vida e de interesses, e comprometendo-se a criar e educar a prole que de ambos nascer.*

---

Pinheiro (2005) ressalta que “o casamento era o único espaço onde as relações sexuais encontravam respaldo e eram permitidas. Fora dele, qualquer manifestação do desejo comprometia e devia ser negada”.

Verifica-se, hoje, que este conceito é obsoleto, seja pela evolução dos costumes como também pela falência da expressão *indissolúvel*, que acabou por ensejar o surgimento da Lei n.º. 515/1977 (Lei do Divórcio), que regulamentou a possibilidade de dissolução do vínculo conjugal.

Os resultados foram coletados a partir do questionário sócio demográfico (Apêndice A), entrevista (Apêndice B) e categorização (Apêndice C). Ao longo do trabalho foi possível realizar estudos que contextualizam o tema principal, casamento duradouro e contemporaneidade. Dessa forma o assunto foi dividido em três capítulos formulados a partir de três eixos efetivamente ligados à conjugalidade: namoro, casamento e relacionamento amoroso.

No primeiro capítulo verifica-se que o casamento é inexistente se não houver o primeiro encontro entre o homem e a mulher. Esse encontro pode decorrer do amor romântico, da paixão ou de uma simples atração física entre os sexos opostos.

No segundo capítulo, considera-se relevante o casamento sob a ótica do formalismo, da rotina, da espiritualidade e da simbiose. Para tanto, deu-se vazão ao arcabouço histórico, religioso, civil e social do casamento.

No terceiro e último capítulo, intitulado relacionamento amoroso, descreve-se uma união mantida há mais de 25 anos, configurando o *casamento duradouro*. Tal união abrange, além do casamento tradicional, os aspectos inerentes a uma relação a dois, a ascensão da mulher no campo sociocultural, os aspectos jurídicos e legais do casamento na atualidade, a modernidade e as fragilidades nas relações.

---

## CAPÍTULO I

### NAMORO: AMIZADE, PAIXÃO OU ROMANCE?

#### 1. AMIZADE NO ENCONTRO AMOROSO

A amizade é um sentimento fiel de afeição que pode ser verificado numa relação estabelecida entre um homem e uma mulher e, não raro, é encontrada nos relacionamentos amorosos.

Na amizade não há exigência de perfeição e possessividade. Há uniformidade e correspondência, há promessas de votos e reciprocidade, com tolerância pelas limitações do outro. Para Montoro (2004, p. 118), “amizade implica cumplicidade e aceitação do outro como ele é; implica postura de misericórdia quanto aos defeitos e sofrimentos do amigo”.

No mesmo diapasão, Bennett (1993, p. 181) salienta o aspecto afetivo da amizade, que pode conduzir ou embasar uma forma de amor:

*A amizade é mais que afinidade e envolve mais que afeição. As exigências da amizade – franqueza, sinceridade, aceitar com a mesma seriedade as críticas e os elogios do amigo, lealdade incondicional e auxílio a ponto do sacrifício – são estímulos poderosos para o amadurecimento moral e o enobrecimento. A amizade genuína requer tempo, esforço e trabalho para ser mantida. A amizade é algo profundo. De fato, é uma forma de amor.*

Diante do exposto, entende-se que a amizade genuína envolve transparência e plena liberdade de expressão, além de pressupor uma grande atmosfera de sentimentos e emoções compartilhadas, sem restrições.

Segundo Lazarus (1992), a amizade sincera se fundamenta no desejo mútuo de cooperação ao invés da competição. A alegria compartilhada é um ingrediente essencial e cada um sente prazer com as coisas boas que acontecem ao outro.

Quanto ao desejo de estar vinculado, Anton (2000, p.29) define como “o desejo de companhia, de aconchego, de se sentir pertencente a alguém é tão inerente ao ser humano que, desde que se têm notícias, o homem vive em grupos”. Com efeito, as pessoas tendem a viver reunidas, estabelecendo relações dentro dos grupos que compõem e participando das relações desses grupos com o mundo exterior. Isso decorre de uma necessidade intrínseca de se relacionar e de se

---

vincular a um grupo ou a alguém. Compreendida a necessidade de vínculo, o autor ora mencionado complementa: “companhia pode significar sobrevivência e tarefas compartilhadas” (Anton, 2000, p. 29). Em seguida, ressalta que, “pertencer faz pensar em estreitos laços, em sentimentos de posse e de responsabilidades mútuas; além de propiciar proteção” (Anton, 2000, p.29).

Apresentada essa significação de amizade e vínculo, é possível conjecturar sobre a existência desse sentimento de estima ou ternura entre o casal no namoro. Segundo Alberoni (1999, p. 18), “o enamoramento é um separar o que estava unido e unir o que estava dividido, mas unir de modo especial, pois essa união se apresenta como alternativa estrutural a uma relação estruturada”. Numa relação amorosa é imprescindível estabelecer uma amizade desde o namoro. Nesse contexto, é possível asseverar que uma relação conjugal estruturada resulta da amizade?

## **2. PAIXÃO NA RELAÇÃO AMOROSA**

A paixão diferentemente do enamoramento, como visto, tem característica de um estado precário, em que não há garantia de continuidade nem de um sentimento de saudade, restando, quando muito, exceções a parte, uma lembrança de efêmera união de corpos.

O enamoramento, ao mesmo tempo em que se constitui num fenômeno desestruturante, como acima preconizado, estratifica-se na construção de uma nova relação. Isto se dá por um encantamento da paixão; e esta, reflete-se num estado anímico estratificado num encontro. Para Rojas (1997, p. 46), “quando se produz esse fenômeno chamado paixão, há um *encontro interpessoal*: embriaguez afetiva, na qual um e outro se complementam.”

Quanto à questão da paixão em nossos dias, Rosset (2004, p. 79) acentua que: “correr riscos é sinal de paixão”. Pondera, ainda, que a ausência da paixão na vida da pessoa assinala seu nível de controle, seu funcionamento racional e sua independência; que o excesso de facilidade em se apaixonar revela uma fantasia de que a segurança e o afeto vêm de alguém. Dentro desse pensar, verifica-se que a

---

busca por essa segurança e esse afeto deixa a pessoa vulnerável, ou seja, sempre disponível a uma nova paixão.

Enfatizando essa noção de existência e ausência da paixão não seria demais expor o que Perazzo (1994, p. 91) harmoniza entre dois ecos contrários e eqüidistantes:

*A paixão em si sintetiza a vida e morte, encontro e desencontro, preenchimento e solidão. Junta no mesmo saco a sensação da eternidade do momento com a crueza da impossibilidade de sua perpetuação. Grava e quase imediatamente desgrava a sensação corpórea de preenchimento e falta e a relega a um referencial deslocado na memória e na lembrança, que nem sabe se reconhece mais sequer como saudade.*

A sedução e a paixão são expressões do prazer a que o homem se permite como reflexo da liberdade conquistada na contemporaneidade. É por isso que Freire e Brito (1986, p. 94) ressaltam que “de todos os prazeres possíveis no ato de viver, a sedução amorosa e a paixão — que leva o prazer e a dor às últimas conseqüências —, são as únicas razões para o homem querer, por opção, continuar vivo”.

Por conseguinte, é possível entender que a paixão integra o potencial de criação do homem, possibilitando seu estudo e entendimento, pois, embora não possamos aprender a nos apaixonar, o grande aprendizado permanece, em certa condição, deixar-se apaixonar. Destarte, no que concerne paixão para Freire e Brito (1986, p. 95) tem vinculação com a liberdade, *in verbis*:

*A paixão tem muito a ver com a liberdade e, por isso, não a recebemos pronta e somos obrigados a conquistá-la. Queremos dizer que o amor é de graça e já vem pronto com a vida; a sedução e a paixão são criações do homem, formas que ele próprio inventa individualmente, para que ame mais e melhor tudo a que tem direito.*

Por sua vez, assevera Rojas (1990, p. 52) que “a paixão é algo misterioso, etéreo, indescritível, maravilhoso, que transforma a pessoa e a faz descobrir tudo o que é grande e bonito da vida”.

Da forma como estes autores pontuam o conceito de paixão, fica claro que ela tem a característica, além da efemeridade, como já referido, a de refletir a capacidade que os indivíduos têm de acessar o lúdico.

Por outro lado, a paixão é a coisa que as pessoas e os sistemas autoritários mais temem, pois só os apaixonados contestam, protestam, lutam, revolucionam.

---

Por esse entender é que Freire e Brito (1986, p. 98) desfazem o equívoco que se constituiu em falsa verdade: “as paixões são perigosas porque são irracionais, incontroláveis, destrutivas e autodestrutivas”.

### **3. NAMORO ROMÂNTICO**

Hodiernamente, verifica-se que, a partir do encontro do homem e da mulher em que se dá o reconhecimento mútuo da afinidade, atração física e vontade, estabelece-se a relação entendida como namoro, fase preparatória para o casamento.

Segundo Lazarus (1992, p. 24), namorar não é um instinto nem um processo automático. A nossa educação romântica flui de muitas fontes, como: pais, amigos, livros, revistas, filmes, músicas, televisão e outros meios. Para a mídia o prazer é o sinal de um casamento que deu certo. Na verdade, a relação amorosa é idealizada e os parceiros se reverenciam mutuamente. Destaca, da mesma forma, que essa tradição romântica e supersticiosa traz um grande número de conceitos relacionados entre si. O amor à primeira vista é um grande tema romântico, no entanto as pessoas sensíveis que percebem com mais facilidade os sentidos do amor, compreensão que essa complexa emoção exige a passagem dos anos para crescer.

Giddens (1993, p. 68) denomina relacionamento como aquele que possui “um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa”. Esse relacionamento citado por Giddens (1993, pp. 68-69) pode ser identificado como namoro e requer o acordo tácito de ambos em torno de alguns princípios que constituem as regras dessa relação. O “relacionamento puro” a que esse autor se refere pode ser representado pelo que se entende, comumente, por namoro:

*Um relacionamento puro não tem nada haver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.*

---

Para Weil (1995, p. 178), a função do namoro é permitir àqueles que vislumbram o casamento se conhecerem melhor, afastando as ilusões próprias da paixão e da atração física, a fim de avaliar se a simpatia e a atração que sentiram, no primeiro momento, equivalem à realidade e se ambos da relação serão capazes de passar a vida juntos.

Concordando com essa assertiva, Freire e Brito (1986, p. 96) entendem que a relação de namoro funciona como um reabastecimento energético e vital. O ato de seduzir propõe troca, não apropriação; a pessoa que namora quer se relacionar dinâmica e dialeticamente com as outras pessoas e coisas, não aprisiona-las, imobiliza-las, apossar-se delas.

De todo o exposto, é possível verificar que atualmente o namoro corresponde a uma relação que representa a exteriorização de um sentimento afetivo de troca, em que ambos, homem e mulher, obtêm satisfação de forma mais livre e aceitável pelas famílias e sociedade em geral, sem maiores compromissos ou amarras. O namoro é um estado, que inclusive, poderá se perpetuar ou não; evoluir para um casamento ou não. E, em sendo assim, cabe indagar: por que certas pessoas deixam de namorar e aprisionam-se a uma só pessoa até que o ódio venha à tona?



---

## CAPÍTULO II

### CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

#### 1. ASPECTOS HISTÓRICOS

Na história do Ocidente a origem das instituições sociais e políticas está calcada nos textos bíblicos, sendo certo que, na abordagem do tema proposto no presente trabalho, forçoso é dizer que a instituição do casamento também se prende a esse aspecto. Assim é que remontamos ao Éden de Adão e Eva descrito no Livro Gênesis (2:18-24), onde se apresenta o primeiro casal ou a primeira forma de relacionamento a dois da História, pontuando-o como uma união indissolúvel, segundo os desígnios de Deus, como se transcreve de Mateus, 19,6:

*“Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea... Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas, e fechou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem. Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se à sua mulher, e será uma só carne.*”

Para o advogado e sociólogo Marcos Colares (2000), o casamento ingressa na história da humanidade como processo de socialização. Historicamente tem-se tentado naturalizar o casamento, mas no fundo ele nada mais é do que uma instituição social; tal qual a propriedade privada. Discorre, ainda, em seu artigo *Casamento e “casamentos”*, que:

*“Falar casamento é sinônimo de dizer história ou cultura. Cada sociedade esculpiu um ou mais modelos institucionais para operacionalização de ações relativas às familiaridades e a conjugalidade. Devido a nossa influência judaico-cristã não podemos nos afastar da citação de Modestino, ao perquirirmos pela trilha da decodificação do sentido de casamento para as sociedades ocidentais.*”

Nota-se que o casamento, “é a mais importante e poderosa de todas as instituições do direito privado, por ser uma das bases da família, que é a pedra angular da sociedade” (Diniz, 2004, p.39).

---

*Diz ele que o casamento é a "conjugação do homem e da mulher; que se associam para toda a vida, a comunhão do direito divino e do direito humano". O que vemos aqui são as matrizes do casamento sexista, indissolúvel e portal entre o divino e o profano. Durante muitos séculos esse foi o único modelo vislumbrável pelas sociedades ditas civilizada.*

À sombra do casamento, Giddens (1992, p. 49-50) ressalta o fator sexualidade e informa sobre o desenvolvimento histórico do casamento desde a idade média no continente europeu, de onde origina a contextualização do amor romântico e do casamento contemporâneo no ocidente:

*Na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos era contraída, não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica. (...) Era improvável que uma vida caracterizada pelo trabalho árduo e contínuo conduzisse à paixão sexual. (...) o beijo, a carícia e outras formas de afeição física associadas ao sexo eram raros entre os casais casados. No entanto, as oportunidades para os homens se envolverem em ligações extraconjugais eram com frequência muito numerosas. (...) abertamente permitida entre as mulheres "respeitáveis". A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão do poder; em certas épocas e locais, nas camadas aristocráticas, as mulheres eram suficientemente liberadas das exigências da reprodução e do trabalho rotineiro para poderem buscar o seu prazer sexual independente. Evidentemente, isto jamais esteve relacionado ao casamento. (...) aqueles que buscam criar ligações permanentes devido a um amor apaixonado são condenados. (...) emergência dos ideais do amor intimamente relacionados aos valores morais da cristandade. (...) devotar-se a Deus para conhecê-lo e que através deste processo alcança-se o autoconhecimento, tornou-se parte de uma unidade mística entre o homem e a mulher.*

Entrementes, impende destacar o aspecto histórico-social e cultural relativo à construção dos chamados ritos de passagem, dentre eles o próprio casamento, observado em cada cultura. Nesse diapasão Anton (2002, p. 26) traz à luz a passagem de uma festa de casamento:

*Cada cultura tem seus ritos de passagem, merecendo destaque o casamento. E, como marca definida dos grupos organizados, é comum que tais ritos variem dentro de um mesmo ambiente sociocultural. As diferentes religiões e grupos socioeconômicos e culturais têm cerimônias que reúnem aspectos típicos de seu credo e do meio no qual estão inseridos. Um dos objetivos é reforçar nos noivos seus elos, o vínculo entre eles, para dar continuidade às crenças e aos valores que interessam ao sistema. Por outro lado, as mudanças ligadas ao enlace matrimonial mobilizam fortemente os próprios noivos, as suas famílias de origem e os seus melhores amigos, de modo que*

---

*os ritos de passagem apresentam, em sua essência, um significado de proteção compartilhada, com predominância da bênção dos pais, ou seja, da autorização oficial à aliança que o par decidiu estabelecer. Para ilustrar, temos aqui uma “mensagem aos noivos” que bem poderia ter como pano de fundo, uma “Ave Maria”.*

Estratificando os ritos de passagem referidos acima — ritos esses comuns a todos os povos, em todas as épocas, embora com nuances diversas — transcreve-se a “mensagem aos noivos” (Anexo I), correspondendo à introdução de importante mudança em suas vidas, quando da celebração do matrimônio.

Segundo Rosset (2004, p. 13-14), a sociedade passou por muitas alterações nos últimos 30 anos, tanto no social quanto no legal e no contexto das relações, destacando as mudanças à compreensão do que seja um casal e de quais são as razões para se estar junto.

Dessa forma o autor principia por expor uma visão do que seja a relação amorosa na contemporaneidade, como abaixo se transcreve:

*Hoje, podemos dizer que um casal é um par que tem uma relação afetiva, que tem intimidade e relacionamento sexual, que tem projetos em comum. Os parceiros podem morar juntos ou não, ser do mesmo ou de diferentes sexos, ter prole ou optar por não serem pais, entre outras características peculiares. Estar junto passou a ser uma escolha objetiva. As coerções e obrigações familiares e sociais flexibilizaram-se, e os parceiros sentem-se mais livres para avaliar a utilidade e a funcionalidade da sua união; olhando com mais discernimento para a relação, percebem se lhes traz crescimento, prazer e desenvolvimento.*

Antes, porém, de se desenvolverem relações conforme acima referenciadas, houve um movimento histórico de rompimento de valores e costumes que em verdade encontravam-se enraizados em nossa cultura e que tinham origem no início da era moderna (a partir do Século XVII).

### 1.1. CASAMENTO TRADICIONAL

Assim é que nos anos 50 o casamento estava a depender da boa relação que existisse entre as famílias dos cônjuges, de sorte que o amor ou afeto que os parceiros tinham um com o outro eram ainda pouco considerados, devido à crença

---

então em voga de que o amor viesse a ser aprendido e se desenvolvesse após a consumação do casamento.

Releva anotar que outra crença tinha larga aceitação no mundo feminino, segundo a qual o casamento permitiria à mulher conquistar uma relativa liberdade, vez que o matrimônio a fazia sair da casa dos pais, pelo que obteria independência e autonomia, mas, não raro, acabava a mulher por descobrir que apenas havia mudado de “dono”. Para a mulher a fidelidade era absoluta e, para o homem, relativa. Assim, difícil seria enxergar-se o casamento como sendo um ato romântico, como se propunha na literatura do Século XIX, em verso e prosa.

Observava-se, no mais das vezes, uma influência cultural grande, que impunha aos cônjuges procurar cuidar um do outro e a dedicar-se sentimentos de lealdade, até porque haveria o matrimônio de perdurar por toda a vida, como resquício dos valores herdados das famílias de origem, que detinham experiências familiares e tradições — tal qual a que ainda valorizava a regra canônica que impingia ao casamento a qualidade de ato sagrado abençoado por Deus. Tão mais facilmente esses valores eram assimilados pelos cônjuges, quanto mais estivesse o casal disposto a morar na casa de um dos pais. Esse contexto expressava o conservadorismo que imperava nas relações.

O homem era o provedor, responsável pelo sustento da família enquanto a mulher tinha como função nutrir e tomar conta da educação dos filhos, o que de certa forma colocava a mulher no centro do funcionamento da família. Assim, as mulheres eram reconhecidas pela sociedade por suas funções familiares de esposa e mãe, e passavam a maior parte do tempo em atividades relacionadas à criação dos filhos.

Embora o processo de mudanças sociais, culturais e tecnológicas seja lento, para Minuchin (1990) a família mudou na medida em que a sociedade mudou e evoluiu.

## 1.2. A MODERNIDADE DA MULHER NO CASAMENTO

Já nos anos 70, o mundo veio a ser sacudido por novidades tecnológicas e sociais que alteraram profundamente o seu modo de encarar a vida e aqui não se

---

está referindo às mudanças sentidas apenas no Ocidente, como se vem focando no presente estudo, mas sim em todos os lugares, em todos os continentes e por quase todos os povos e culturas. De fato, o homem pisou na lua e inúmeros foram os movimentos sociais que clamavam pelas liberdades civis e pela paz, combatendo-se toda forma de repressão e, naturalmente, a instituição do casamento não passou ao largo das iminentes transformações que a sociedade como um todo reclamava.

No campo social tais mudanças se fizeram sentir primeiro pela revolução sexual, cujo marco fora o movimento *hippie*, que a reboque, trouxe consigo transformações como: o aumento da expectativa de vida da população; maior controle de natalidade com o uso da pílula anticoncepcional; a entrada da mulher no mercado de trabalho e o aumento do número de divórcios e recasamentos. Tais fatores proporcionaram o questionamento dos valores e padrões familiares então existentes.

Por conseguinte, o casamento e a família passaram por reestruturações, de forma que a mulher passou a ter um papel de destaque, cabendo a ela a função de repassar à família os novos valores sociais, econômicos e culturais.

Surgiu o movimento feminista, que procurou discutir a posição da mulher no contexto social e familiar, posto que acabara de galgar uma vida própria, com uma nova postura, passando a precisar de uma identidade pessoal, enquanto que aos homens continuava a incumbência de administrar paralelamente os objetivos de carreira e de família.

As mulheres conquistaram independência econômica, do que resultou a reestruturação do contexto familiar, eis que ambos os pais passaram a trabalhar fora de casa. A mulher começou então a exercer outras funções além da criação dos filhos e a preocupar-se com sua realização pessoal e profissional, tornando-se fundamental para o sustento da família.

Diante desse quadro, Carter (conforme citado em Falcke & Wagner, 2000) afirma que em face desses novos movimentos da mulher, em que começa a se afigurar a formação de sua própria identidade, a mulher despertou para a importância do seu salário no orçamento doméstico. Um desses passos — e talvez o primeiro — seja o reconhecimento do seu papel de provedora, função que antes era exclusiva do homem e que servira, ao longo dos séculos, para justificar a condição

---

de chefe de família, que também trouxe em si o significado de decisão, mando e poder.

Destaca-se dessa nova realidade, que à mulher haveria de serem estendidos os direitos tradicionalmente concedidos aos chefes homens. A partir daí a mulher passou a assumir uma atitude mais ativa e decisiva na sociedade e no casamento.

O ingresso da mulher no mercado de trabalho remunerado e no mundo político e a liberação sexual, além de outras mudanças, começaram a formatar um novo modelo de casamento, com mais autonomia dos cônjuges e com responsabilidades compartilhadas, de forma que a mulher passou a exercer um outro papel na relação, com espaço e direitos preservados.

### 1.3. O CASAMENTO NOS DIAS DE HOJE

Na contemporaneidade, observa-se que as mulheres estão a modificar, com um ritmo cada vez mais acelerado, a face do tradicional ciclo familiar que existiu durante séculos e, nesse compasso, vislumbra-se que a afetividade vem se fazendo cada vez mais presente ante essas grandes transformações sociais e políticas, de forma a que homens e mulheres vêm buscando investir na melhoria da qualidade de suas relações, em escolher e manter relacionamentos que tragam benefícios a si e seus parceiros.

Com essas informações traz-se à luz deste trabalho a evolução da compreensão sobre o tema do casamento no ocidente, desde a Idade Média até os nossos dias, ainda que em forma diminuta, pois o objeto do presente estudo está situado na contemporaneidade, verificando ser dispensável pesquisa mais aprofundada acerca do casamento ou da relação amorosa desde os primórdios da humanidade.

---

## 2. DO CASAMENTO: RELIGIOSO E CIVIL

### 2.1. CASAMENTO RELIGIOSO

Para Therborn (2006), o significado do casamento sempre esteve em discussão entre os cristãos, sobretudo entre os cristãos ortodoxos e os católicos, ainda que, da mesma forma considerassem o casamento como um ato sagrado, um sacramento, uma dádiva da graça divina. A tradição católica reconhecia, no entanto, que o consentimento mútuo da noiva e do noivo para o casamento era um critério válido, a menos que fosse invalidado pela Igreja, do que decorreu a constituição de inúmeros casamentos clandestinos, que acabavam por ser julgados pelos tribunais eclesiásticos medievais.

Therborn (2006) diz ainda que o Concílio de Trento da Contra-Reforma firmou a doutrina da Igreja, estabelecendo que o casamento fosse sacramento e como tal haveria de se submeter à lei eclesiástica da Igreja Católica, ou seja, o casamento haveria de ser celebrado perante o sacerdote da paróquia, independentemente do consentimento parental e passava a ser indissolúvel quando consumado sexualmente. Já na Igreja Ortodoxa, o casamento se dava com a benção de um sacerdote, mas admitia o divórcio nos casos de adultério, impotência e outras pequenas razões. Em contrapartida, não se permitia o recasamento das viúvas.

Ressalta Colares (2000), numa análise sociojurídica de casamentos, que:

*A Constituição de 1824 fez vigorar no Brasil, como religião oficial, o catolicismo, logo, continuando-se a aplicar as regras outrora instituídas com relação ao casamento. Por outro lado, diante dos problemas causados pelo aumento do fluxo migratório e das relações afetivas entre praticantes de religiões diversas do catolicismo, a Lei nº. 1144, de 11.09.1861 e o Decreto de 17.04.1863 passaram a regular a possibilidade de casamentos válidos entre católicos e não católicos.*

Corroborando com a citação acima, vale destacar que o catolicismo era a religião oficial no Brasil e não havia liberdade de culto aos imigrantes, por intransigência das autoridades nacionais. E como se figura na história, o próprio casamento não católico foi reconhecido apenas em 1891.



---

Em que pese o aspecto religioso institucional como exposto acima, há de relevar-se, também, o aspecto espiritual imanente no sentimento dos que celebram matrimônio, independentemente do credo que confessem quaisquer dos nubentes.

## 2.2. CASAMENTO CIVIL

A História do Direito Brasileiro registra o casamento quando da regulamentação por meio do Direito Canônico até meados do século XIX, como em quase todos os Estados Nacionais do Ocidente. Essa situação veio a se modificar em decorrência da dissociação entre os Estados Nacionais e a Igreja Católica. No Brasil essa mudança ocorreu com o advento da Proclamação da República e mais precisamente com a Promulgação da Constituição de 1891.

Com efeito, com a Constituição de 1891 foi instituído no Brasil o casamento laico, que passou a ser o único reconhecido como válido. Com o advento da Lei nº. 1.110/50, o casamento religioso passou a equivaler ao civil, observando as prescrições legais quanto ao rito do matrimônio secular. Após algumas modificações no Código Civil de 1917, adveio o Estatuto da Mulher Casada, consolidando e estendendo, às mulheres, direitos antes preconizados nessas modificações. Posteriormente, já na década de 70, foi promulgada a famosa Lei do Divórcio que fez decair a indissolubilidade do casamento como regra. Finalmente, conforme Colares (2000), em 1988, com a nova Constituição surgiram novos direitos em decorrência das manifestações dos movimentos feministas e de defesa dos direitos das crianças e adolescentes junto à Assembléia Nacional Constituinte. Esse novo Ordenamento Jurídico, juntamente com as leis anteriores acima citadas refletiram melhor a realidade das famílias brasileiras, sobretudo quanto à organização da sociedade conjugal e quanto aos direitos da filiação.

Na atualidade, o instituto do casamento veio a ser modificado pelo advento do Novo Código Civil (Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002) em alguns aspectos de considerável relevância, como, por exemplo, a possibilidade de alteração dos nomes dos cônjuges quando da separação do casal e ainda: o casamento religioso ganha efeito civil, podendo ser celebrado em qualquer culto; passou a ser reconhecida a



---

união estável de um homem e de uma mulher, desde que de maneira contínua e duradoura; os homens passam a poder optar por acrescentar o sobrenome de sua esposa ao próprio nome; passou a não mais ser possível a anulação de casamento quando a mulher não for mais virgem; os pais não poderão mais deserdar suas filhas, quando estas vivem em sua casa, por considera-las desonestas etc.

Essas mudanças jurídico-legais resultaram da evolução das relações sociais, como já salientado quando analisada a evolução histórica do instituto do casamento, bem como em decorrência dos movimentos de entidades civis que propugnavam o cumprimento do postulado que fora guindado à norma constitucional na Constituição de 1988 de que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.

Assim, o novo Código Civil estabeleceu que o casamento é a “comunhão plena de vida”, com direitos iguais para os cônjuges, ao contrário do que preconizava o Código anterior, que enunciava que o objetivo do casamento era “constituir família”.

### **3. O DEVER DE COMUNGAR PELO CASAMENTO**

O casamento não é um ato, uma assinatura, da qual decorreria naturalmente vida permanentemente feliz e sem nenhum incidente, pelo contrário. A vida conjugal exige uma série de deveres para serem cumpridos no dia-a-dia, no decorrer de anos como proposto outrora, quando da união.

Para Viorst (2004), vida de casado consiste em diversas obrigações, como levar as crianças ao médico, sair correndo para o trabalho, cumprir tarefas domésticas, ir ao supermercado, atender às programações familiares e uma gama de outros afazeres que nem sempre requer entusiasmada vontade em realizar.

O cumprimento dos afazeres pertinentes à rotina do casamento, acima apresentado, constitui ônus a que ambos não podem se furtar, sob pena de comprometerem a relação conjugal.

Para Rojas (1997), quando da celebração do casamento passa-se da embriaguez da paixão à vida cotidiana do amor conjugal. Percorrer da paixão para o matrimônio não implica dureza e dificuldade extremas na vida cotidiana. Para tanto,

---

a vida do casal não é nada mais que a aceitação recíproca das virtudes e dos defeitos de um e de outro.

Segundo Rosset (2004), respeitar a autonomia do parceiro significa que ele pode continuar sendo quem é, sem que isso traga perigo à relação; resguardando cada um de si seus valores.

Do exame das proposições evidenciadas por ambos, é possível observar, que a aceitação e o respeito à autonomia do outro na relação é fator de escoreta manutenção do casamento no dia-a-dia.

Segundo Weil (1995), nas relações sexuais dos cônjuges é imprescindível um cuidar para tornar o outro feliz e vice-versa. Vale salientar, que o homem e a mulher têm maneiras diferentes de chegar à satisfação sexual.

Verifica-se, ainda, que é recomendável a preservação da qualidade da relação, pois ambos necessitam proporcionar, um ao outro, satisfação sexual; trazendo maior felicidade ao casal.

Para Viorst (2004), difícil é acreditar naquilo que a rotina pode fazer com os dois que estão envolvidos na relação amorosa, pois ela é capaz de arremeter contra a própria relação.

Registra Rosset (2004) que assumir o processo conjugal significa crescimento e aprendizagem. Ambos necessitam cumprir as tarefas diárias. Assegura, ainda, que a rotina ameaça uma relação por se operar com facilidade e por ser extremamente cômoda; por isso renunciar voluntariamente ao desconhecido e porque não às dificuldades? Não raro, confunde-se a pessoa com a rotina, e já não existe mais a pessoa.

Percebe-se, nas assertivas anteriores, que o cumprimento das tarefas rotineiras dentro do processo conjugal, redundando em crescimento e aprendizagem; fortalecendo o convívio afetivo do casal.

#### **4. CO-DEPENDÊNCIA OU SIMBIOSE NO CASAMENTO**

Dada à necessidade do enfrentamento e resolução de problemas que um casal enfrenta em seu dia-a-dia, verifica-se que a relação amorosa traz à tona as

---

dificuldades e as aprendizagens necessárias ligadas às questões de independência, dependência e autonomia.

De fato, para Rosset (2004, p. 94), “uma relação amorosa não consegue se estabelecer se não houver um movimento de dependência emocional dos envolvidos. Se cada um “ficar na sua”, se cada um se interessar só pela sua vida e suas questões, não haverá uma construção conjunta da relação.” Estabelece-se então o que se entende também por co-dependência; e a chave para que o casal possa bem administrar essa co-dependência é ainda sugerida por Rosset (2004, p.94):

*O grande desafio, então, é reorganizar as questões de dependência conforme a relação vai acontecendo, estruturando-se e modificando-se. A dependência é necessária, pois a vida em comum força os parceiros a assumirem decisões quanto ao que farão juntos ou o que irão partilhar; ao mesmo tempo, eles precisam ser independentes e assumirem o que não farão juntos ou o que não irão partilhar. A dependência recíproca responde pela identidade do casal, por aquilo que eles são como um todo. Organiza seus valores, suas mudanças, facilita a continuidade da relação, fortalece o sentido do pertencimento.*

A co-dependência influencia na qualidade de interação do relacionamento entre os cônjuges. Segundo Hayes (citado por Giddens, 1993), a co-dependência está constantemente ligada a um tipo de personalidade, vez que a pessoa vive a sua vida em torno das necessidades do outro e/ou dos outros; seja o seu par eleito da relação amorosa, seja o filho ou filhos, a mãe, o pai, o amante. Essa pessoa constrói uma vida em torno de uma ou várias pessoas.

Vale ressaltar que o co-dependente busca a sua identidade por meio do reconhecimento diário de suas ações. No relacionamento os indivíduos co-dependentes tendem a fundir-se com o outro; tal aspecto configura uma relação simbiótica.

É importante destacar, ainda, as características dos relacionamentos viciados, evidenciados por Giddens (1993), a respeito da co-dependência: obsessão em amar alguém; necessidade de gratificação imediata; pressão do parceiro para o compromisso; desequilíbrio do poder; controle; prática do silêncio; manipulação; desconfiança; satisfação das próprias necessidades; evitação do desagradável; expectativa de que um salvará o outro; e fusão.

---

Entretanto, segundo Féres-Carneiro (1998), os valores do individualismo predominam na constituição e na manutenção do casamento contemporâneo, pois os ideais contemporâneos de relação conjugal preconizam a maior autonomia e satisfação de cada um dos cônjuges do que os laços de dependência que poderiam se estabelecer entre eles. Por outro lado, há a necessidade de constituição de uma conjugalidade, na formação de sua identidade.

Do que foi acima exposto, é possível verificar que os dois autores mencionados comungam do mesmo pensar, segundo o qual a co-dependência e a individualidade auxiliam a formação e a reorganização da conjugalidade. Diferentemente, Giddens (1993) pontua que a co-dependência se sobrepõe ao individualismo, atuando um dos cônjuges em face da necessidade do outro; significando com isso uma construção relacional simbiótica. Diante desse entendimento, vale perquirir: os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges? O casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um? E a conjugalidade, como vivenciá-la em face desse crescimento individual observado na contemporaneidade?

---

## CAPÍTULO III

### COMPREENDENDO O RELACIONAMENTO AMOROSO

#### 1. RELAÇÃO A DOIS NA CONTEMPORANEIDADE

##### 1.1. A CONJUGALIDADE

Quando duas pessoas optam por uma vida em comum, se deparam com novas situações em suas vidas. Os dois se comprometem numa história comum, em que cada um é afetado pelos movimentos do outro e precisa modificar atitudes e comportamentos.

Rosset (2004, p. 57) ressalta que “o padrão de funcionamento de um casal é algo mais do que o funcionamento de duas partes e torna-se um funcionamento unitário, que se constrói a partir da forma como cada um dos elementos funciona.” Mais adiante, essa autora afirma que:

*A vida a dois cria uma situação em que existe um amoldamento paulatino da personalidade dos seus membros. Ocorre uma mutação recíproca, cuja resultante final é: ao cabo do tempo, a personalidade de cada elemento do casal se torna um mosaico que encerra traços não discriminados, pertencentes tanto ao outro como a si mesmo. (p. 61)*

Com o início do relacionamento a dois, de fato a vida muda para o homem e para a mulher, pois mudam as rotinas, após ambos negociarem novas regras de convívio, do que decorrerá necessariamente a flexibilização de condutas. Para tanto, Rosset (2004, p. 84) afirma que “quando duas pessoas escolhem-se para serem um casal, vão estruturar sua forma única de ser; aos poucos, vão estabelecer seu padrão de funcionamento de casal”.

A conjugalidade é, afinal de contas, o resultado da construção da união entre o homem e a mulher, que se configura numa nova personalidade, que é do casal. Tal aspecto tem a conformação de um “processo do casal”, pois este, na visão de Rosset (2004, p. 84), “possibilita muitas aprendizagens, embora, englobe dificuldades, dores e contato com as dificuldades pessoais, do outro e de entrosamento do casal.”

---

Segundo Baptista (conforme citado em Vitale, 2004), uma união conjugal amplia-se além dos vínculos interpessoais para um ecossistema no qual estarão envolvidos. Trata-se de uma rede de interdependências complexas, que ajuda a desenvolver e aprofundar vínculos e reduzir a mobilidade e independência.

Para Anton (2002), o par inicial lembra fusão, apaixonamento, e sua imagem revela pouco espaço para a individualidade e um espaço imenso para a conjugalidade. “Nós” — torna-se, assim, muito maior que o “Eu” e o “Tu”.

Diante dessas assertivas, nota-se que é de suma importância que as “regras de conduta” estabelecidas pelo casal sejam forjadas envolvendo cuidados para preservar a relação.

De alguma forma, para que se promova essa preservação, Anton (2002, p. 58) salienta que “é necessário que se fale a mesma língua para que se estabeleçam possibilidades de contato e entendimento”. E acrescenta: “é necessário que haja significados e objetivos em comum”.

## 1.2. RELACIONAMENTO DURADOURO

Para Anton (2002, p. 58), “um par é composto por duas pessoas; se a figura de um par pode ser tomada como uma unidade, nunca será demais lembrarmos que essa unidade é composta por dois sujeitos, é fruto da união de duas pessoas.” Essa união pode ter sucesso, se forem consolidadas, as regras de convívio estabelecidas desde o início da relação.

Da mesma forma alguns cuidados tornam um casamento bem sucedido e o fazem durar muito tempo. Tais aspectos constituíram objeto de pesquisa realizada por Braz, Dessen e Silva (2005), pela qual foram feitas entrevistas com cônjuges que compõem casais de relacionamentos duradouros, merecendo destaque três grandes fatores que levam o casamento ao sucesso e permitem que ele dure muito tempo: Segundo os cônjuges, três grandes fatores levam ao sucesso do casamento e permitem que ele dure muito tempo: a qualidade das relações conjugais (100%), aspectos do sistema familiar (25%) e características positivas do indivíduo (18%). Dentre os fatores relativos à relação conjugal, foram destacados: a negociação e o equilíbrio nas concessões mútuas (79%), a similaridade (64%), a intimidade (57%), o

---

compromisso (46%), a fidelidade (43%), as trocas afetivas (39%) e relações sexuais satisfatórias (11%).

Impende asseverar que todos os entrevistados ressaltaram ser o fator da qualidade das relações conjugais o mais importante para o sucesso da relação.

Foram mencionadas as seguintes dimensões internas e externas ao sistema familiar que dão suporte a um casamento bem-sucedido: a existência de filhos (14%), a religiosidade (7%), a manutenção de um equilíbrio entre trabalho e família (7%) e a estabilidade financeira (4%). Dentre as características individuais que favorecem a relação marital e sua durabilidade, foram destacadas: a flexibilidade (18%), a perseverança (11%), a capacidade de perdoar (7%) e a capacidade de inovar e dinamizar a rotina conjugal (7%). Para a maioria dos casais de classe média e baixa, o sucesso do casamento está baseado em negociação e equilíbrio nas concessões mútuas e na intimidade.

Além dessas características da relação conjugal que a tornariam uma relação de sucesso duradouro, reveladas na pesquisa suso mencionada, vale ressaltar ainda outros aspectos que se afiguram importantes para a conjugalidade, como se seguem abaixo.

Segundo Satir (conforme citado em Hintz ,2002), é preciso promover compaixão e o amor entre os casais, e neutralizar a força destrutiva ligada ao medo. Depois, é preciso canalizar construtivamente a energia que foi usada negativamente, de modo a promover estima e intimidade. Essa atitude é contrária à de buscar na vida objetivos de *status*, habilidade e poder.

De outro lado, Rosset (2004) relewa o aspecto da solidão, que pode surpreender a qualquer dos cônjuges ainda na constância de uma relação saudável, posto, que muitas vezes, é reflexo da não ocorrência de expectativas e aspirações cultivadas por essas pessoas. Tais expectativas e aspirações seriam, na visão dessa autora, “são as esperanças de serem felizes, e serem amadas, de se sentirem pertencendo, de se sentirem acolhidas e compreendidas. Provavelmente, em função dessas expectativas, é também o espaço em que as pessoas mais se sentem solitárias”. E, complementa: “por todas as dificuldades que podem acontecer, por mágoas e distanciamentos, as pessoas vão se fechando, sentindo-se solitárias e deixando o outro sozinho e solitário.”

---

No entanto, malgrado se constitua num sentimento relacionado a um fator de isolamento e que causa dor e angústia, a solidão pode ser positiva para a manutenção de certos relacionamentos, como quando ao pressenti-la, ambos os cônjuges põem-se em movimento tendente a fortalecer ou, ao menos, manter a união do casal.

Para tanto, é preciso que se acredite nesse movimento ou na “limpeza” do que está atrapalhando. Comentando acerca das tarefas de recuperação da fase conhecida como “síndrome do ninho vazio”, é ainda Rosset (2004) que propõe certos componentes emocionais e relacionais que devem ser acionados, tais como: ter esperança; ter confiança nas boas intenções do parceiro; saber que podem ainda refazer seu projeto de vida; acreditar que é possível a “limpeza” do que atrapalhou. Com efeito, essas são atitudes que também podem ser tomadas ante um sentimento de solidão que acosse qualquer dos cônjuges.

A relação tende a ter tanto mais qualidade — e, portanto, ser tanto mais duradoura — quanto maior prestígio dedicarem os cônjuges às ações que podem aumentar a união entre eles. Assim é que Rosset (2004, p. 150-151) dispõe-se a elencar algumas dessas ações, tais como:

- ✓ *Buscar um entendimento de melhor qualidade — Aprender a abrir-se para o parceiro, buscando uma afetividade cada vez mais profunda e verdadeira.*
- ✓ *Aprender a comunicar-se — Treinar em conjunto uma melhor clareza na comunicação, através da boa intenção e do uso de técnicas e exercícios.*
- ✓ *Dar atenção ao que o outro quer, bem como aos pequenos sinais que o outro emite.*
- ✓ *Esforçar-se para ter persistência e não desistir nas recaídas e dificuldades.*
- ✓ *Pensar no outro, sem pré-conceitos, procurando vê-lo da forma como ele se vê.*
- ✓ *Estar disponível, concreta e energeticamente, para se relacionar, para aprender, para conversar.*
- ✓ *Esforçar-se para enxergar o seu padrão de funcionamento e o padrão do casal.*
- ✓ *Ter confiança no outro e na força do processo.*
- ✓ *Desejar ser feliz junto — O casal precisa crer que cada um pode ser feliz e desejar isso.*
- ✓ *Ser prático — Não desperdiçar energia e tempo com idéias que se perdem ou planos impossíveis. Organizar propostas em curto prazo e com metas fáceis de serem alcançadas.*



---

A rotina é outro fator que é capaz de conspurcar a relação do casal e para que isso não ocorra, hão de ser fortalecidos os laços matrimoniais com atitudes preventivas, hábeis a enfrentar as vicissitudes que vão surgindo no dia-a-dia. A rotina pode, de fato, ser perigosa num relacionamento e, uma vez instalada, fixa-se pela comodidade. É ainda Rosset (2004, p. 151) quem pontua que, “por comodidade, sacrificamos o melhor de uma relação — a vida, o desconhecido, novas descobertas, inclusive as dificuldades. Em pouco tempo, confunde-se a pessoa com a rotina, e já não existe mais a pessoa.”

Para o enfrentamento da rotina e fortalecimento da relação — e com isso possibilitar um relacionamento saudável e duradouro, é a mesma autora quem propõe, desta feita, as “armas” ou “vacinas”, como ela se refere, para, com coragem e esperança, combater a rotina. Com coragem, para “desafiar o que não está muito ruim e desestruturar, desorganizar o bem-estar, precário e medíocre, mas apaziguador”; e com esperança de que “no final, a vida será mais prazerosa, mais viva, mais encantadora e que, juntos, os parceiros irão descobrir novos ângulos de cada um”. Assim, Rosset (2004) apresenta as condutas que reputa constituírem-se em verdadeiras “vacinas” para que seja superada a rotina (Anexo II).

Viorst (2004) apresenta mecanismos que levam os casais, senão à felicidade, ao menos a uma relação saudável, de paz. Com o passar do tempo, tantos os cônjuges quanto o casamento passam por momentos de fragilidade e angústia, por causa de inúmeros fatores, dentre os quais, as questões do cotidiano e as mudanças sociais, bem como as transformações e adaptações a que os indivíduos se submetem em cada fase de suas vidas, como nas quatro crises previsíveis, referenciadas acima, com a transcrição dos comentários de Rosset (2004).

Viorst (2004, p. 280) insiste em que os casais devam continuar perseguindo a felicidade, no sentido de “visualizar a vibrante sensação de se apaixonar perdidamente como uma espécie de felicidade, a experiência feliz e definitiva de nossa juventude”. Finalmente, essa autora norte-americana resume suas considerações acerca do que entende por um relacionamento feliz:

*Todos os casais que vivem felizes casados parecem sentir prazer na companhia um do outro e valorizar o arraigamento da união no casamento. Eles gostam de ocupar um papel central na vida um do outro. Mas alguns casais felizes não precisam daquilo que outros casais acham crucial para a*

---

*felicidade conjugal, como igualdade sem limites, interesses irmãmente partilhados ou sexo apaixonado. Como me contaram mulheres e homens casados que entrevistei, existem muitas maneiras de se definir o que é estar feliz casado. (p. 281)*

De fato, a definição de felicidade no casamento é algo mais subjetivo do que simplesmente amoldar condutas de cada parceiro às situações críticas, de forma a proporcionar uma conjugalidade, que, de qualquer forma, não está a depender apenas de um padrão de felicidade. A dinâmica de um casal que se mantém e se prolonga no tempo pode não permitir que se mantenham outros casais, mas o que parece ser comum a todos, como resposta às adversidades que se opõem a um casamento saudável e duradouro, é a conjunção de todos os fatores relativos à qualidade das relações conjugais, referidos pela maior parte dos autores e daqueles que gentilmente expuseram suas experiências e valores nas pesquisas feitas.

## **2. IMPLICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NO RELACIONAMENTO AMOROSO**

### **2.1. MODERNIDADE**

A sociedade hodierna vem sofrendo profundas transformações nos últimos 100 anos, com mudanças de paradigmas em muitas áreas do conhecimento e no próprio contexto social, em que até as tradições mais antigas vêm sendo flexibilizadas. Os comportamentos dos indivíduos e grupos sociais têm acompanhado as transformações, sobretudo no campo científico e tecnológico, econômico e no campo das relações sociais. E, não sem razão, as atitudes próprias das pessoas em suas relações também vêm assumindo contornos diferentes, como resultado de um ideário de mudança.

De fato, como assevera Molina-Loza (1998, p. 364), “estamos vivendo uma crise cultural de proporções gigantescas. Nos últimos cem anos, houve uma aceleração das mudanças que só pode ser comparada às transformações acumuladas durante toda a história da humanidade.” E acrescenta: “Nossa civilização, com sua cultura, transformou nossas vidas em um reino de instabilidades. Da mesma forma que aumentam os recursos e as possibilidades, a cada dia que passa, aumentam as incertezas” (p.365).

---

A maior parte das mudanças que influenciaram diretamente o casamento e as relações conjugais propriamente ditos teve início em fins da década de 1950, após o fim da Segunda Grande Guerra Mundial, em que, no esforço de reconstrução dos Estados destruídos durante o conflito, iniciou-se, ainda que timidamente, a participação da mulher no mercado de trabalho, porquanto a população masculina encontrava-se reduzida e a demanda de trabalhadores em todos os setores crescia constantemente, gerando, por seu turno, demanda de legislação trabalhista mais flexível.

Aliado a esse fator, o fim da Guerra exigiu da classe política que a legislação também flexibilizasse o conjunto dos direitos civis, dado o ideal de liberdade nascido das cinzas do conflito mundial. Isso ocorreu em quase todo o Ocidente, inclusive no Brasil.

Nesse contexto, surgiram ainda os movimentos culturais e políticos que passaram a preconizar cada vez mais uma participação maior da sociedade na condução dos negócios do Estado, forçando a democratização das decisões políticas. Diante das naturais resistências de alguns setores que dominavam os governos de então, a sociedade começou a criar uma consciência de antagonismo ao que começava a reputar como retrógrado e em tal contexto surgiram aqui e ali, em todos os países, movimentos despretensiosos e mesmo irresponsáveis, que apenas pugnavam pela rebeldia em relação ao *status quo* — os chamados rebeldes sem causa —, e que, passados alguns anos, acabaram por transformar-se um movimento de ressonância mundial de libertação de cunho mais espiritualizado, pregando a paz e o amor: os *hippies*!

Das as idéias libertárias dos *hippies*, surgiu, de um lado, o movimento cultural e filosófico que alguns chegaram a denominar contracultura; e, de outro, movimentos emancipatórios que preconizavam a liberdade sexual e a valorização da mulher (feminismo).

Como referenciado no capítulo II, quando da apresentação do cenário histórico em que se desenvolveram as relações amorosas duradouras, objeto do presente estudo, o processo de mudança de valores e costumes ainda não findou, sendo certo que as pessoas vêm sendo obrigadas a ressignificar seus valores e crenças a cada ano, a cada década. E, evidentemente, no curso das relações

---

conjugais, não é menos verdadeiro que tais avanços influenciam o seu modo próprio de ser, contratado e construído pelos parceiros ainda no início de seu casamento.

A própria instituição do casamento vem se modificando, como asseverado no Capítulo II: a legislação de regência vem se amoldando e se aproximando da nova realidade social, em que não há mais, por exemplo, a submissão da vontade da mulher à do marido, tido, até o advento da Constituição de 1988, como o cabeça do casal, constituindo-se, no mais das vezes, como o “Senhor” de todas as decisões do núcleo familiar. A nova Ordem Jurídica igualou os direitos dos cônjuges e, mais precisamente, a partir da vigência do Novo Código Civil Brasileiro, instituído pela Lei nº. 10.406, de 2002, a prerrogativa de conduzir o casal e de chefiar a família deverá ser daquele que melhores condições tiver de prover o sustento da família, permitindo-se à mulher tal prerrogativa.

Tal modernidade gerou, com o passar dos anos, a discussão de preconceitos e dogmas vigentes em diversos grupos sociais. Os questionamentos que se seguiram acabaram por influenciar três gerações seguidas, permeando sua visão de vida com idéias de vanguarda, absolutamente inovadoras, que acabariam por redundar em ressignificação de valores e atitudes, dando ensejo às mudanças jurídico-legais referidas e bem assim, modificando a própria instituição do casamento e as tradições que sempre o permeavam.

A esse respeito é novamente Molina-Loza (1998, p. 378) quem pontua: “A situação da mulher mudou radicalmente em um lapso muito curto. Da situação em que era submetida a uma protetora opressão, passou a outra em que é despejada no mercado de trabalho, para o qual nem sempre foi bem preparada.” E, ainda sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, infere que “a sociedade exige que a mulher conquiste o mundo externo e continue a responder pelo mundo interno (doméstico). As pressões sobre ela são incontáveis”.

Com efeito, o preço dessa modernidade foi o de ver-se surgir uma sociedade muito mais competitiva, em que os valores guerreados pelos movimentos culturais e revolucionários, findaram por ser superados pelas próprias mudanças sociais que provocaram. Assim, vê-se claramente que a liberdade finalmente concedida à mulher, com o reconhecimento de sua capacidade intelectual e laborativa, acabou por voltar-se contra ela mesma, em face do próprio gênero, redobrando suas

---

responsabilidades: além da gestação e da criação dos filhos, ainda conquistou e trouxe para si a responsabilidade por dividir as despesas do casal, juntamente com o marido. E, a este, é de reconhecer-se que tenha também experimentado certo nível de agruras, por ter de assimilar um novo papel dentro da conjugalidade que ambos se vêm obrigado a construir.

A dedicação intensa ao trabalho resulta, naturalmente, em redução do tempo para a relação e para o convívio familiar, gerando falta de diálogo e conflitos. Ademais, diminui-se o tempo de lazer, gerando stress, insegurança, alterações de humor e outros males da vida moderna.

De toda forma, diante de quaisquer mudanças, os casais necessitam promover ajustes na sua relação conjugal. A esse respeito, Rosset (2004, p. 82) preceitua que “relacionar-se é uma aprendizagem de adequação às mudanças do ambiente interno e externo. É um preceito de adequar as reações de um e de outro, às reações do ambiente e às alterações da relação e das situações.” Tal aprendizado de adequação das mudanças haverá de formular o modo de enfrentamento da nova realidade, pois “adaptar-se a essas mudanças é condição básica na busca da potência para definir o futuro, para negociar decisões e para administrar bem todas as situações que a vida conjugal e familiar trará”.

## 2.2. FRAGILIDADES NAS RELAÇÕES

Como já visto, há a necessidade de que o casal promova adaptações em relação às mudanças provenientes tanto do ambiente interno quanto do externo. As do ambiente externo foram abordadas no tópico anterior, decorrente da conjuntura social em que estejam integrados os cônjuges. Mas há aquelas provenientes do ambiente interno, ou seja, provenientes da bagagem que cada um traz consigo para a relação, influenciando-a.

Segundo Anton (2002), a troca de influências implica mudanças favoráveis ou desfavoráveis e também pode contribuir para a paralisação do desenvolvimento individual e vincular. Ambos os parceiros são co-responsáveis pelo rumo de suas histórias. Sem tomarem consciência disso, estabelecem um “contrato secreto”, cujas cláusulas incluem regras e normas, recompensas e castigos.

---

Desse “contrato secreto”, que corresponde à própria conjugalidade que o casal constrói, depende a própria relação, pois há de conduzir o casal no seu cotidiano.

Conforme Braz, Dessen e Silva (2005), constatou-se no Resultado, item “As Relações Conjugais”, que, o insucesso e o término do casamento foram associados a: dimensões das relações conjugais (96%), do indivíduo (43%) e do sistema familiar (14%). A ausência de negociação (71%), de similaridade (57%), de fidelidade (32%), de trocas afetivas (25%), de respeito (21%) e de liberdade (7%) são aspectos da relação conjugal que levam ao fracasso e ao término das relações maritais, de acordo com os entrevistados. Destacou-se ainda no Resultado da pesquisa: quanto aos casais pertencentes à classe média, os entrevistados acreditam que a falta de similaridade e de valores e crenças em comum, e a ausência de negociação entre os cônjuges são os principais aspectos que levam ao fracasso e ao fim do casamento. Para os casais de classe baixa, a incapacidade de negociação e a presença de agressões físicas e verbais, constituem os principais fatores que levam ao término do casamento.

Para Viorst (2004) a desatenção é outro aspecto que é possível destacar no viver junto cotidianamente, constituindo fator alienante e que traz consequências a ponto de “afetar o mais apaixonado dos casais”; mas é possível encontrar o equilíbrio entre companheirismo e isolamento com um mínimo de dignidade.

Quanto às crises por que passam os casais, algumas previsíveis, é possível dizer que as mesmas, se enfrentadas com acerto, a relação se manterá saudável e também duradoura. Dentre as previsíveis, é ainda Rosset (2004) quem destaca os quatro tipos de crises mais comuns, quais sejam: a) Crises na estruturação do casal; b) Crises na estruturação e produção da família; c) Crises da meia-idade; e d) Crises ligadas à velhice (p.112-116). Em relação a todas elas, a autora sugere maneiras de superá-las, sendo que, para os primeiros tipos de crises, a negociação e a renegociação, como se fora uma revisão do contrato que antes haviam estabelecido, constituem as soluções possíveis.

Quanto às crises de estruturação e produção da família, sua superação se daria: pelo ajuste do sistema conjugal para criar espaço para os filhos; pela união dos parceiros nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e

---

domésticas; e, finalmente, realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós.

Quanto às crises da meia-idade, estas seriam superadas com a aceitação das várias entradas e saídas no sistema familiar, havendo necessidade de também ser renegociado o sistema conjugal em face da necessidade de se desenvolver um relacionamento de adulto-para-adulto entre os filhos crescidos e seus pais, de realinhar os relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos, de lidar com incapacidades e mortes dos avós. Poder-se-ia, também, cogitar de se avaliar o que já foi feito, com possibilidades de redefinições e novas escolhas antes realizadas. Também seria fase de reorganização de projetos de vida, a retomada de prazeres e objetivos adiados ou abandonados, em face da aproximação da aposentadoria.

Quanto às crises ligadas à velhice, aqui o desafio seria o de aceitar a mudança dos papéis geracionais, procurando manter o funcionamento e os interesses próprios e/ou do casal, em face do declínio fisiológico; e, ainda: procurando abrir espaço no sistema da família para a sabedoria e a experiência dos idosos (do próprio casal); lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais, bem como se preparar para a própria morte. Segundo Rosset (2004, p. 115), seria “o momento de revisão e integração da vida.” Ele acrescenta ainda:

Nos dias atuais, uma variável é que as pessoas estão vivendo muito mais que antes. Isso altera toda a definição do que é velhice, quando é que se fica velho e outros conceitos que antes nos davam um “norte”. Além de viverem mais, as pessoas estão envelhecendo cronologicamente, mas continuam ágeis e lúcidas, mantendo sua autonomia. (p. 115)

Além das crises previsíveis, há ainda outras, circunstanciais, às quais Rosset (2004) comenta e que, de um modo geral, representariam um quadro de adversidades que, constituindo-se também em fragilidades da relação, demandariam ações que exigem, dos parceiros, consciência sobre o que lhes aflige e desencadeamento de iniciativas em conjunto para debelá-las, nem que para tanto tenham de reavaliar a relação. Seriam elas: a) o crescimento desproporcional entre os cônjuges; b) acidentes com os filhos; c) acidentes com os cônjuges; d) perdas, tais como mortes, perdas financeiras, de emprego, de qualidade de vida ou de outra natureza qualquer, crises essas que, na sua superação, ao lidar o casal com todas

---

as etapas de cura — chorar a dor, expressar a raiva, limpar a culpa, refazer projetos — sairá da crise com a relação fortalecida; e) quebras de contratos, em que o casal precisará lidar com a perda e o resgate de confiança para que possa explicitar todos os ângulos da situação — mágoas, perdas, riscos — e renegociar novos contratos (p. 115 e 116).

Em suma, no enfrentamento das crises, o casal há de movimentar-se para revisar valores e regras anteriormente definidas.



---

## METODOLOGIA

### 1. SUJEITOS

Foram entrevistados, individualmente, três casais residentes no Plano Piloto, Brasília/DF. A idade dos cônjuges entrevistados era de 43 a 67 anos. Todos os casais eram legalmente casados e tiveram filhos.

Quadro 1. Características dos sujeitos

Nome	Idades	Anos de casados	Grau de instrução		Ocupação atual		Nº./Idade dos filhos	Renda (SM)*
			Mulher	Homem	Mulher	Homem		
1. Dalila/Sansão	67/60	45 anos	Ens.Médio	Superior	D. casa	Assessor	4/ 34 a 44	30
2. Julieta/Romeu	66/60	41 anos	Superior	Ens.Médio	Advogada	Aposentado	4/ 30 a 40	42
3. Charles/Diana	44/43	25 anos	Ens.Médio	Superior	Serv. Pub.	Serv. Pub.	4/ 16 a 23	20

\*SM – Salário Mínimo = R\$ 350,00

O tempo de convivência dos cônjuges variava de 25 a 45 anos. Quanto as ocupações dos casais eram: dona-de-casa; assessor do Ministério da Defesa; advogada; aposentado e os demais servidores públicos federais.

Quanto à renda familiar variava entre 20 SM a 42 SM por mês, correspondendo tal variação ao ganho mensal de R\$ 7.000,00 (sete mil reais) a R\$ 14.700,00 (quatorze mil e setecentos reais), respectivamente.

O nível de escolaridade das mulheres entrevistadas variou do ensino médio ao nível superior: a primeira iniciou o curso de artes plásticas e justificou que os contratempos do dia-a-dia corroboraram para a interrupção da referida graduação; a segunda demonstrou a falta de interesse nos estudos desde a juventude, pois vislumbrava casar-se prematuramente, ter filhos e dedicar-se à criação dos mesmos; a terceira entrevistada anunciou buscar, desde a tenra infância, independência profissional, legitimando este empenho ao findar dois bacharelados: contabilidade e advocacia. Quanto aos homens entrevistados, o primeiro concluiu o Curso de Comando e Estado Maior de 1973 a 1975, correspondendo ao nível superior; o segundo concluiu o ensino médio e disse que sua prioridade era trabalhar e ajudar no sustento da família motivo pelo qual cessou seus estudos e o terceiro entrevistado era bacharelado em geografia e formado em teologia.

---

## **2. INSTRUMENTO**

Foi elaborado um protocolo de entrevista com 11 perguntas a serem respondidas por cada um dos cônjuges, visando obter dados peculiares a respeito do casamento (Apêndice B).

A entrevista semi-estruturada foi realizada mediante a utilização de um gravador, uma fita K7 para registrar as respostas da entrevista de cada participante, um formulário com questões abertas que norteou a pesquisadora durante todo o desenvolvimento do trabalho, sendo esse o principal instrumento de coleta de dados, permitindo uma análise qualitativa, segundo a metodologia de análise do discurso.

## **3. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

A coleta de dados foi efetuada na própria residência dos casais, mediante aceite prévio dos mesmos, via comunicação telefônica, consistindo da aplicação de um questionário sóciodemográfico (Apêndice A), composto por sete itens, que buscou caracterizar a amostra: identificação fictícia do casal, idade, anos de casados, grau de instrução, ocupação, número e idade dos filhos, renda familiar.

O presente estudo foi baseado numa investigação exploratória. Segundo Gil (conforme citado em Reis & colaboradores, 2004), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vista na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

A coleta de dados ocorreu no período de 06/04/2006 a 13/04/2006, em dias e horários diferentes, perfazendo um total de seis entrevistas realizadas nesse período, resguardando e mantendo o anonimato de cada cônjuge entrevistado.

É importante lembrar que a participação dos casais foi por meio de indicação e de forma voluntária, respeitando sempre os casais que se recusaram a participar do trabalho.

---

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão foi realizada conforme resultados da entrevista semi-estruturada (Apêndice B). Ponderando as especificidades e características de cada casal, optou-se por distingui-los usando um codinome para cada sujeito. A partir das respostas transcritas foi feita uma organização e posterior categorização e análise dos dados coletados, considerando três eixos temáticos efetivamente ligados à conjugalidade: namoro, casamento e relacionamento amoroso.

Foram relevados diversos aspectos relacionados ao casamento duradouro e contemporaneidade, desde a primeira conquista objetivando o namoro, vindo posteriormente a ser contraído casamento, sucedendo condições necessárias para um relacionamento amoroso.

### 1. OS TRÊS EIXOS DA RELAÇÃO CONJUGAL

#### 1.1. NAMORO

##### 1.1.1. Namoro sob a ótica do romance

Quanto aos entrevistados, Sansão e Romeu, estes concordaram que o namoro-romance era antecedido por uma conquista, mas que com o passar dos anos vai se modificando: assim, para Sansão “depois da conquista, o romance vai se modificando com os anos que passam” e para Romeu, “os pares eram românticos, havia uma conquista”.

Viorst (2004) retrata o cenário em que as mulheres da década de 60 aguardavam por uma conquista romântica e promessa de casamento, pois ganhar a própria vida representava estar fadado a permanecer solitária. E ressalta que esse era o motivo pelo qual as mulheres daquela época casavam-se. Essas se casavam pelo amparo financeiro.

Atualmente a mulher tem conquistado espaços cada vez maiores, no mercado de trabalho, na política, e em todos os setores da vida, sendo certo que não

---

idealizam mais o amor romântico, que lhe proporcionaria o sustento conforme antes vislumbrado.

Quanto às entrevistadas, representadas por Dalila e Julieta, conviver intensamente e ser verdadeiro, constituem os aspectos que denotam o romantismo do casal. Assim, Dalila aponta que “romântico é o namoro profundo vivido intensamente com a pessoa amada” e Julieta fala que “para enfrentar os problemas que surgem no meio do caminho ambos devem ser verdadeiros e românticos”.

As mulheres acima referidas acreditam que o romantismo faz viver intensamente e verdadeiramente uma relação conjugal. O mesmo não ocorre quando Lazarus (1992, p. 22) afirma: “O romance vive de dificuldades, frustrações, separações e da perda de tempo. Eliminando-se as dificuldades próprias da vida íntima dos casais, as paixões e o êxtase se desvanecerão”.

Em contrapartida, Charles diz que namoro romântico significa “reconhecer o erro, perdoar e declarar eu te amo!”.

Segundo Lazarus (1992, p. 22), “homens e mulheres que esperam achar no casamento uma continuação do êxtase do namoro caminham para uma grande desilusão”.

### **1.1.2. Namoro sob a ótica da união**

Sobre o que venha significar a união para os casais entrevistados, homens e mulheres comungam de opiniões parecidas. Alguns sujeitos focalizam a união num sentimento de amizade, como Dalila e Romeu: enquanto Dalila diz que “buscar sentimentos bons é necessário para se ter uma boa união”, Romeu afirma que “tanto no namoro quanto no casamento tem que haver uma amizade recíproca”.

Verifica-se que amizade não é sinônimo de casamento, uma vez que Lazarus (1992, p. 17) salienta que matrimônio significa compartilhar intimamente, enquanto amizade consiste em compartilhar a intimidade.

Os entrevistados, Sansão e Julieta, participam da mesma opinião ao declarar que hoje a união do casal, ocorre desde o namoro até o casamento, sendo tudo igual.

O primeiro afirma que “A vivência do casal é a mesma no namoro e no casamento, não faz muita diferença entre namorar e casar. Casamento e namoro

---

não mudam nada. Hoje em dia, namoro e casamento é uma coisa só; é tudo igual. As pessoas moram juntas, tanto namorando quanto se casando, ou não”. O segundo sujeito afirma “que o namoro da década de 60 era mais vigiado pelos pais, objetivava o casamento. Hoje, pela mudança de valores, o namoro e o casamento obedecem a novos conceitos, diferentes da década de 60, ou seja, é tudo igual.”

Esse namoro com o *animus* de estabelecimento de um casamento está amparado, inclusive, pelo atual Código Civil como união estável entre o homem e a mulher (artigo 1.723, *caput*). Anton (2002), por sua vez, assevera que um par é composto por duas pessoas; se a figura de um par pode ser tomada como uma unidade, nunca será demais lembrar-nos que essa unidade é composta por dois sujeitos, é fruto da união de duas pessoas.

Quanto ao que primeiramente faz aproximar homens e mulheres, Sansão diz que “a primeira coisa que une o homem a uma mulher é a atração física” enquanto para Romeu, “tanto no namoro quanto no casamento tem que haver uma amizade recíproca, desde o primeiro momento”.

Para Costa (1998), na ausência de obrigações religiosas, sociais, familiares e outras, que imponham uma permanência compulsória da parceria, como na família monogâmica e nuclear tradicional, resta a expectativa de achar uma fórmula que torne duráveis a atração sexual e a atração amorosa. Cícero (conforme citado em Costa, 1998, p. 43) assevera: “amizade não autoriza a libertinagem e toda a espécie de desregramento”. E complementa que: “a natureza nos deu a amizade para secundar a virtude e não para ser cúmplice do vício”.

Outro aspecto foi ainda destacado por um dos entrevistados, Charles, quanto ao medo que as pessoas teriam para estabelecer uma união. Pontifica Charles que “infelizmente, a maioria das pessoas tem medo de se deixar conhecer, por isso acabam não namorando e perdem a oportunidade de se casarem e até serem felizes mais adiante”.

Conforme Rosset (2004) pode-se deduzir que há pessoas que têm medo de se aproximar e se relacionar conforme referendado pelo entrevistado Charles. Diferentemente de outras pessoas que, justamente buscam relacionar-se com a finalidade de segurança e proteção.

---

### 1.1.3. Namoro sob a ótica da paixão

A respeito da paixão Alberoni (1988, p. 57) destacou que “o louco apaixonado é como o convertido que deixa casa, filhos, tudo pela sua fé. Ou como o terrorista que mata, mas por razões idealistas”.

A maioria dos entrevistados afirmou que a paixão se prende mais à atração física. Assim, os primeiros relevaram impulsos, como se destaca abaixo:

Dalila: “Uma troca de beijos, abraços e carícias e só. O namoro traz expectativas, afeto e prazer; além da paixão. Namoro tem paixão... tem que ter química”.

Sansão: “Desejar ardentemente estar com o outro; É uma atração; é uma cegueira por aquela pessoa”. E complementou: “O amor apaixonado é fogoso”.

Charles: “Namoro é uma diversão; é paixão.” “Gostar do cheiro, da voz e do sorriso; tudo isso nos faz grandes amantes”. “Traz muita energia e disposição conhecer alguém, seus sonhos, seus projetos, suas ambições e sua história de vida.”

Rosset (2004) afirma que é inevitável que a paixão desapareça, pois o tempo, as mudanças e os dados da realidade são poderosos. E, ainda, ressalta que a paixão pode acabar, e o relacionamento não ter força para continuar. Pode não sobrar motivação para se investir na continuidade e na transformação da relação.

A definição divergente apresentada por Julieta deixou transpassar, em curto discurso, o que entende representar a paixão, envolvendo o aspecto do namoro: paixão “é uma ilusão”.

Observa-se, portanto, que sob o enfoque do namoro, não houve manifestações muito destoantes entre os entrevistados, sendo certo que: a) quanto ao romance, a conquista se verifica no início do relacionamento, para depois abrir espaço para a construção da convivência; b) quanto à união, o namoro de hoje não reflete o namoro que experimentaram em seu tempo, haja vista que consideram quase à unanimidade, que hodiernamente o namoro e o casamento se equiparam; e c) quanto à paixão, a maioria evidenciou que a atração física é a principal característica desse enfoque.

---

## 1.2. CASAMENTO

### 1.2.1. Casamento sob a ótica do formalismo

Quanto ao formalismo no casamento verificou-se que as respostas dos entrevistados poderiam ser classificadas em três grupos distintos: os entrevistados Dalila, Sansão e Charles, destacaram a responsabilidade como fator importante no que diz respeito ao formalismo do casamento. Assim, destacaram:

Dalila: “No casamento aumenta-se as responsabilidades.”

Sansão: “No casamento acresce a responsabilidade institucional. No casamento acresce só a responsabilidade.”

Charles: “O casamento traz responsabilidade.”

Segundo Rojas (1997), a responsabilidade também é fundamental para a relação conjugal. É preciso satisfazer e corresponder, com a própria atuação, ao que se disse de palavra no momento. Uma pessoa é responsável quando responde com fatos a certas obrigações contraídas.

No segundo grupo, foram classificadas as respostas dos entrevistados Dalila, Julieta e Charles que deram ênfase ao compromisso. Assim, asseveraram que:

Dalila: “O casamento é um namoro, que você assume um compromisso maior.”

Julieta: “Cada um deve cumprir com o seu dever de equilibrar a família.”

Charles: “O casamento passa a ser uma obrigação. Cuidamos da casa e das crianças.”

Para Rojas (1997), a fidelidade para com os compromissos contraídos é vertente da responsabilidade.

---

No terceiro subgrupo, destacam-se as respostas dos entrevistados Sansão e Julieta, quando estes se referiram às diversas obrigações jurídicas decorrentes do casamento, como abaixo se transcrevem:

Sansão: “Antigamente era preto no branco tinha que constar no cartório. É um contrato, uma ligação séria entre os dois. No casamento deixam-se herdeiros.”

Julieta: “O casamento, em sentido amplo, entre um homem e uma mulher, representa tanto direitos quanto deveres exercidos por ambos”.

Como se pode verificar, quanto ao formalismo no casamento, a maior parte dos entrevistados demonstrou ter clareza do aspecto obrigacional que há na constância do casamento.

Atualmente, no Brasil, a conceituação de casamento, ainda admite, discussões acerca da contratualidade ou não do instituto, mas não comporta mais indissolubilidade e não diferencia entre cônjuges e formas de filiação.

Viorst (2004) afirma que o comum na vida conjugal não tem de ser sempre chato ou repetitivo; que o cotidiano, para os que são atentos e adultos o bastante para se dedicarem a ele, pode incluir as virtudes da amabilidade e da surpresa.

### **1.2.2. Casamento sob a ótica da rotina**

Quanto ao aspecto da rotina no casamento, os entrevistados apresentaram cinco ordens de considerações sobre a rotina que vivenciaram ou ainda vivenciam: respeito, problemas, comunicação, diferenças de opinião e desinteresse. À exceção do entrevistado Romeu, cada um dos demais manifestou duas ou mais dessas considerações, conforme se passa a descrever: A esse respeito, os entrevistados Dalila e Julieta assim expuseram:

Dalila: “Muitas vezes, falta o respeito.”

Julieta: “O certo é conviver em harmonia cultivando respeito mútuo e mantendo o amor.”



---

Para Rojas (1990, p. 168) “o respeito é dividido em três elementos diferentes, porém complementares: palavra, ação e gesto”. Ainda acrescenta que os três elementos têm uma raiz comum: a consideração no trato deve basear-se na estima e na dignidade da pessoa.

Rosset (2004) afirma que respeitar a autonomia do parceiro significa que ele pode continuar sendo quem é, sem que isso traga perigo à relação.

Sobre os problemas enfrentados na constância do casamento, Sansão, Julieta e Charles, assim se manifestaram:

Sansão: “Existem a rotina da vida, os problemas dos filhos, a casa, dinheiro e outros. Com 20 anos de convivência o casamento já se maturou de vez.”

Julieta: “A rotina é monótona, cabendo aos dois discutirem os problemas e buscar as melhoras”.

Charles: “Com o tempo o casal fica preso dentro de uma rotina sufocante e acaba perdendo as prioridades e tendo muitos problemas”.

Viorst (2004) declara que, na verdade, embora se sintam agradecidas porque seus maridos se dispõem a assumir boa parte do cuidado com os filhos, algumas mulheres se preocupam em não perder sua primazia.

Também a comunicação foi eleita como um aspecto relevante na rotina do casal pelos entrevistados Sansão e Julieta, como se verifica abaixo:

Sansão: “No dia-a-dia tem que ter uma boa comunicação e um entender o outro.”

Julieta: “Há necessidade de comunicação entre os dois, usando a sinceridade e a compreensão diante das dificuldades que surgirem.”

Rojas (1997, p. 43) referencia que “a comunicação física é antes de tudo um sentir-se atraído pelo mais externo, aquilo que chama a atenção e aquilo que vemos à primeira vista”. E, ainda, vincula o atrativo físico à beleza ao dizer que: “o magnetismo inicial que convida à comunicação é o atrativo físico e este repousa sobre a beleza” (p. 44).

---

As diferenças de opinião foram destacadas por dois dos entrevistados, Dalila e Romeu, a saber:

Dalila: “Muitas vezes há diferenças de opinião.”

Romeu: “Na convivência diária um não tolera os defeitos do outro; há discordância e as coisas não ficam bem.”

Vale ressaltar que, apenas, o entrevistado Charles enfatizou o desinteresse que pode ocorrer na rotina do casal:

Charles: “Há certo comodismo. Os dois já não se interessam mais pelas histórias que têm para contar; não se esforçam para agradar um ao outro com coisas pequenas”.

As rotinas constituem uns dos aspectos mais controvertidos no casamento e prova disso é que foram identificados cinco tipos de ocorrências, devendo se destacar que a ocorrência mais referida foi dos problemas observados no dia-a-dia.

### **1.2.3. Casamento sob a ótica espiritual**

Quanto à ótica espiritual, os entrevistados enxergam o casamento como um objetivo *a priori*, inalcançável, em que se preconiza a união de homem e mulher, ambos com o mesmo sentir expresso nos valores espirituais que comunguem, ressaltando a amizade e a entrega profunda, o amor eterno, a união de um homem e de uma mulher, traduzida pela união de almas feita por Deus, o desinteresse pelas coisas materiais (desapego), a sinceridade na relação, e o enfrentamento sucessivo dos desafios que surgem ao longo da vida em comum, como se fora o cumprimento de uma missão sem fim.

Assim, os entrevistados não expuseram idéias contraditórias; apresentaram, sim, opiniões complementares, que ajudam a compor um painel acerca do aspecto espiritual do casamento, a respeito do que se transcrevem abaixo os seus ditos mais significativos:

---

Charles: “É desenvolvido ao longo do tempo pode começar com uma amizade e transformar em alguma coisa mais profunda até atingir o amor”.

Romeu: “Ter uma amizade muito profunda e uma aceitação absoluta; boa compreensão. Quando se vive há mais de 20 anos tem que ter uma entrega profunda. A relação deve ser totalmente desinteressada das coisas materiais e buscar o valor espiritual. Os dois têm que estar conectados de uma maneira muito sincera. A sinceridade está no plano afetivo e espiritual”.

Sansão: “Está baseado numa coisa chamada amor. É preciso amar até o último dia quando um dos dois vai embora; morre...”

Dalila: “É uma forma de viver a dois: “na união de um homem e uma mulher; ambos tornam-se um só ser” É um só corpo, uma só alma”.

Romeu: “A bíblia fala o seguinte “os seres que são unidos por Deus nada separa”; tem que fazer tudo para estar sempre unidos”.

Charles: “Enfrentar o que precisar ser enfrentado, porque nossa missão ainda não acabou. Deus vai mostrando novos caminhos e novos desafios”.

Concatenando-se as respostas dos entrevistados, dentro da categorização proposta quanto ao casamento *versus* espiritualidade, verificou-se dissonância nas percepções e conceitos aludidos. Contudo, vale ressaltar que a questão da espiritualidade envolve um único alvo, qual seja: o amor! E, considerando a busca Maior de cada um de per si, Rojas (1997, p. 88) definiu esse sentimento terno pertencente ao espírito, da seguinte maneira: “o amor com um componente espiritual torna-se transcendente”. Acrescentou, ainda que, “o amor mais pleno é aquele que possui notas referenciais de espiritualidade”.

Segundo Alberoni (1988), o amor, também, é doação, dedicação, altruísmo. O amor tende a produzir a fusão dos dois indivíduos. E, Alberoni (1999, p. 10) ainda complementa que: “a relação sexual converte-se num desejo de estar no corpo do outro, numa fusão de corpos que se prolonga como ternura por suas fraquezas,

---

suas ingenuidades, seus defeitos e imperfeições. Dessa forma é possível amar suas ofensas transfiguradas pelo amor”.

Vale dizer que, ao comentarem os condicionamentos da vida em comum, quanto ao formalismo, à rotina, à conformação teológica e espiritual da própria instituição do casamento, e ainda quanto o relacionamento simbiótico que pudesse apresentar cada indivíduo dentro do casamento, os entrevistados por vezes convergiam em suas opiniões, no entanto, divergiram muito, quando cada um elege quais aspectos reputavam mais importantes no casamento.

#### **1.2.4. Casamento sob a ótica da simbiose**

Os entrevistados ainda expuseram aspectos de índole simbiótica que enxergam no casamento, aspectos esses que seria de três ordens de considerações: a sintonia permanente, a necessidade de estar junto, a complementaridade entre os cônjuges, e perfeição no sexo.

Assim, os entrevistados, representados como Dalila e Sansão, destacaram a necessidade de haver sintonia entre os cônjuges, a saber:

Dalila: “Um precisa estar em sintonia permanente com o outro. Um precisa estar com o pensamento sempre voltado para o outro.”

Julieta: “Necessidade de um estar ligado permanentemente no outro.”

O mito da “união total”, conforme Lazarus (1992, p. 37), é um dos mais comuns. Ele provavelmente nasceu da falácia romântica de que “o romantismo do casal faz o bom matrimônio”, segundo o qual o casamento ideal se compõe de dois indivíduos separados que se fundem numa entidade estática. Os dois “pombinhos” vão juntos para todos os lados, fazem tudo junto, dividem todas as coisas e não aceitam viver experiência alguma sem a participação do outro. Assim, eles deixam de funcionar como indivíduos e formam um casal. Tal configuração de casamento estratifica-se num relacionamento simbiótico, onde um vive em função, exclusiva, do outro.

---

A necessidade de estar junto foi ainda apontado como aspecto que diz respeito com a simbiose que deve haver no casamento e nesse sentido manifestaram-se também três entrevistados, Sansão, Julieta e Charles, como abaixo descrito:

Sansão: “A pessoa sente que não pode viver sem a outra. Desejam estar juntos mais tempo, todos os dias, todas as horas, todos os minutos.”

Julieta: “Sempre um estar se importando com o outro.”

Charles: “Querer ficar o tempo todo junto é o essencial.”

Segundo Viorst (2004, p. 216) quando homem e mulheres encontram-se juntos ou separados, aprendem por derradeiro o suficiente para capacitá-los a amar e conviver um com o outro. Em seguida declara que, “outros, porém, não tem remédio”. Alguns cônjuges são tão intransigentemente errados e inadequados entre si que permanecerem juntos é, ou deveria ser, inconcebível.

Outros dois entrevistados Dalila e Romeu destacaram também que há complementaridade entre um e outro, ou seja, um deve completar o outro:

Dalila: “Um tem que completar o que falta no outro.”

Romeu: “Um homem sem uma mulher não é nada, a mulher sem o homem não é nada, tem que haver as duas partes. Os dois se completam.”

Rousseau, citado em Costa (1998, p. 67) explicita o contexto em que pode ser entendida a complementaridade em relação ao amor e suas relações com a sexualidade:

*(...) um desejo, o desejo sexual, pede a presença do outro para se realizar, pois é, em si, desejo de complementaridade. Este impulso originário tornaria a vida social possível, sem coerção moral ou violência legal do Estado. O sexo é a força da natureza que torna a sociabilidade "natural", desde que seja limitado e orientado por este "fato cultural"(...) que é o "amor do outro". Em suma, ensinando-se à criança "a piedade" ou compaixão pelo sofrimento do outro e a domesticar a força da natural do sexo, a concórdia social viria por acréscimo. Moderando-se as paixões, pela educação, a vontade geral seria pura harmonia de corpos e mentes inclinados para um mesmo bem comum.*

---

Finalmente, houve uma opinião isolada de que o sexo tem que ser perfeito. Sansão entende que: “E o fator sexo tem que ser perfeito; tanto para o homem como para mulher”.

Para Rosset (2004, p. 81): “o amor não tem uma definição única (...) de um modo geral todas as definições apontam para o prazer, a facilidade ou a importância de estar junto à pessoa amada”. Dentre os aspectos elencados por Rosset (2004, p. 86) para a configuração de um casamento saudável destaca-se o “tesão ou o nome que se queira dar” — é um prazer, uma felicidade em estar no contato pele a pele com o outro. Engloba desde gostar de ter vida sexual com o outro até o simples prazer de ficar de mãos dadas.

### 1.3. RELACIONAMENTO AMOROSO

O relacionamento amoroso é construído dentro do casamento e poderia ser abordado sob vários prismas e considerando contextos diversos; mas, para manter a objetividade e concisão que deve ter o presente trabalho, foram categorizadas as respostas dos entrevistados quanto a esse tema em quatro aspectos básicos, quais sejam: a relação a dois; as condições sob as quais o relacionamento amoroso se configura como duradouro; a influência da modernidade no relacionamento amoroso e as fragilidades que o tempo revela.

#### 1.3.1. Relacionamento amoroso: a relação a dois

Perquiridos os entrevistados acerca dos aspectos da relação a dois, os mesmos destacaram quatro ordens de considerações, segundo as quais é possível firmar esse tipo de relação: a) respeito mútuo e confiança; b) querer bem ao outro; c) conversar e compartilhar; d) amizade e cumplicidade; e, e) responsabilidade.

Para Dalila e Charles a importância confiança e do respeito mútuo:

Dalila: “A vida em comum exige doação. Exige respeito mútuo; amor. É preciso reconhecer o próprio valor e conhecer os valores um do outro.”

---

Charles: “É importante a pessoa se sentir segura mesmo que o companheiro ou a companheira passe o dia longe. Confiar em si e no outro é o segredo.”

Rojas (1997) salienta o respeito é atenção, deferência, amabilidade, é aceitar opiniões e idéias diferentes das suas, ter estima acima de tudo; ou seja: consideração. Levar em conta a dignidade da pessoa e apreciá-la pelo que ela é. Rosset (2004) afirma que quanto à confiança os parceiros devem acreditar verdadeiramente que o outro está disponível, envolvido e interessado na relação do casal, sem desconfiar.

O aspecto do carinho que os cônjuges dedicam um ao outro, e, bem assim, o querer o bem do outro, Sansão e Charles ressaltaram que:

Sansão: “Quando uma pessoa tem um carinho especial pela outra; quando um quer o bem do outro. Quando um tem um grande defeito, se o amor for muito forte, o outro supera.”

Charles: “Ficar muito tempo juntos e cuidar um do outro; além de cuidar da família da melhor maneira possível.”

Conversar e compartilhar foram também ações que concorrem para uma boa relação a dois, no entender dos entrevistados Julieta e Charles:

Julieta: “Necessidade de falar, trocar idéias e compartilhar problemas comuns a ambos. Os dois são mais reais demonstrando o que realmente são.”

Charles: “Duas pessoas que têm afinidade, diálogo aberto e franco.”

A amizade, também, foi lembrada como aspecto relevante na relação a dois:

Diana: “Tem amizade, cumplicidade, afeto e amor; não tem brigas.”

Charles: “Duas pessoas que se amam e se querem muito e têm uma amizade profunda.”

---

Ainda quanto à relação a dois, um único entrevistado, Sansão, frisou a responsabilidade, como aspecto igualmente relevante para a relação a dois: “a responsabilidade é fundamental numa relação a dois”.

### **1.3.2. Relacionamento amoroso: como ser duradouro**

O relacionamento duradouro foi apontado por quatro entrevistados. Vale ressaltar que sobre o amor, qualquer que seja a sua intensidade é requisito imprescindível para uma relação duradoura, como abaixo se transcreve:

Dalila: “Não tem solução, não tem saída... É só o amor... E até um pouquinho de amor...”

Sansão: “Que amor seja eterno enquanto dure.”

O afeto que reabilita e faz um matrimônio perdurar é algo maior, mais profundo e mais gratificante do que o amor romântico das histórias ditas “cor-de-rosa”.

Todos os entrevistados opinaram pela consideração do respeito, ainda que com enfoques diversos; sendo que quatro propugnaram pelo respeito mútuo e dois pelo respeito à história do casal:

Dalila: “Cada um tem que ter sua própria opinião e personalidade, ou seja, cada um tem o seu jeito de ser. O respeito, a amizade, a confiança, estabilidade e até um pouquinho de amor...”

Sansão: “Aceitar o outro do jeito que ele é; depois de 20 anos ninguém mais muda.”

Romeu: “Ter uma amizade muito profunda e uma aceitação absoluta; boa compreensão.”

Julieta: “Os anos de convivência mantêm o meu casamento hoje. Respeito a nossa história de vida juntos.”



---

Charles: “A nossa história é muito rica e forte demais para ser perdida ou esquecida.”

A solicitude e a afeição conjugal não podem existir sem a evidência mútua de uma série de qualidades importantíssimas conforme assinaladas acima. Os casados devem ajustar-se à rotina diária de vestir-se, comer, trabalhar, dormir e outros hábitos que requerem horários sincrônicos e tantas outras atividades condicionadas entre si. O objetivo é construir um “capital comum”, diríamos assim, de atos, hábitos e experiências que resultem de uma profunda aceitação mútua, sem falsas esperanças e ilusões possíveis do ideal romântico.

Ainda foram destacados aspectos isolados referentes ao relacionamento amoroso duradouro, relevando o cuidado, medo da solidão, companheirismo, filiação e tranquilidade nas crises:

Sansão: “Um precisa cuidar do outro.”

Julieta: “Medo da solidão, por isso permanecer com o outro.”

Romeu: “Para durar mais de 40 anos, ambos precisam ser fiéis, reais e companheiros. Os filhos fazem manter o casamento.”

Charles: “Ter calma nas crises é o segredo para uma vida, a dois, duradoura.”

### **1.3.3. Relacionamento amoroso: modernidade**

Aspectos referentes às mudanças por que passam as sociedades influenciam o relacionamento amoroso, forjando novos valores, os quais são referidos pelos entrevistados, em maior ou menor grau, sendo por eles assimilados no contexto de seu relacionamento amoroso.

Dentre esses aspectos, foi detectada por dois dos entrevistados, Sansão e Julieta, a assunção de maior liberdade de cada indivíduo que compõe a relação:

---

Sansão: “O bom é descobrir que é livre e que um não prejudica o outro.”

Julieta: “A mulher passou a despertar, cada vez mais, o uso do seu direito de liberdade.”

A ascensão da mulher no campo social, por sua vez, foi lembrada também por dois dos entrevistados, Julieta e Charles, relevando a questão do surgimento de uma competitividade entre o homem e a mulher que influenciam o relacionamento, como abaixo se pode verificar de seus testemunhos:

Julieta: “A própria sociedade estava vivenciando uma transição entre a fase patriarcal, onde o homem detinha o poder familiar, e a fase em que a mulher avançou em suas conquistas sociais.”

Charles: “Com a emancipação da mulher muitas coisas mudaram. Hoje as mulheres decidem muito mais que os homens...”

No mesmo diapasão, foi identificada, também no campo social, com reflexo no relacionamento amoroso, pela entrevistada Julieta, uma maior igualdade entre os parceiros, sobretudo no que diz respeito à assunção pela mulher de problemas novos que antes eram enfrentados apenas pelos homens: “Hoje, a mulher enfrenta os mesmos problemas que o homem: o trabalho fora do lar, o trânsito, o medo, a competição profissional. O mundo moderno retirou da mulher o direito de melhor participar da vida da família”.

A mesma entrevistada, Julieta, ainda destacou os modos pelos quais entendeu ser possível a superação das adversidades advindas da vida moderna, na forma abaixo:

“Para se ter uma relação ideal. Descobri que é preciso combinar nos valores sociais, ter equilíbrio psicológico e estabilidade financeira.”

---

#### 1.3.4. Relacionamento amoroso: fragilidades

Restou evidenciado o desgaste das relações pelo conhecimento das suas fragilidades, reportando-se comportamentos que refletem desilusão, tolerância, prevenção, mudanças de paradigmas e, até mesmo, ruptura dessa relação.

Sansão revela que o tempo expõe intimidades e descortina problemas, que nutrem a desilusão, como abaixo discorre: “Ter amor durante toda a vida. Como no namoro, a vida inteira é difícil. Com o tempo as intimidades aparecem demais e começam a aparecer os problemas.”

Julieta em sua fala subsistir à tolerância: “O amor transformou-se em companheirismo suportável”.

Segundo Anton (2002, p. 58), quando a paixão deixa de existir a intolerância se aproxima e cada um dos parceiros, ao invés de se unirem passam a investir apenas em si mesmo, desinteressando-se um pelo outro que, em verdade, não lhe correspondia a um ser autônomo, na fase anterior da história em comum.

O advento de freios sociais, tais como doenças infectocontagiosas, foi lembrado pelo entrevistado Charles, demonstrando preocupação com a prevenção: “A Aids e outras doenças estão aumentando em número”.

Este último entrevistado ainda afirma que ao se findar o sentimento de um pelo outro impende que se promova uma mudança de paradigmas, com novas decisões: “Então se acabar o amor é preciso verbalizar esse sentimento de desamor para tomada de novas decisões”.

Prosseguindo o raciocínio, o entrevistado Charles destaca a necessidade de se operar uma mudança de atitudes, com ruptura, caso haja distanciamento entre um e outro dentro da relação – proposição corroborada pelo entrevistado Diana que assevera que, se houver infidelidade, a ruptura, com a separação do casal, é decorrência natural. Seguem abaixo suas colocações:

Diana: “Se descobrir mentiras e traição será o fim da relação e o início de uma separação.” Enquanto Charles: “Se cada um vive sua vida e tenta encontrar uma realização amorosa fora de casa ou então se isola dentro de casa, essa relação está fadada ao fracasso. Mesmo que isso leve ao divórcio será para o bem dos dois e até para o bem dos filhos.”

---

## CONCLUSÃO

As pessoas contraem matrimônio por diversas razões, sendo que no mais das vezes o fazem por afetividade e sintonia de crenças e valores. A relação a dois demanda a princípio uma amizade; mas esta não se sobrepõe ao casamento propriamente dito.

Estar loucamente apaixonado é mais uma fase que conduz o homem e a mulher a cultivar uma relação amorosa. Ainda que, no início, vejam-se quedados ou seduzidos por falsas crenças de que será concretizado o sonho do amor romântico, este, que outrora era largamente disseminado na sociedade.

Esse caminho do amor romântico, por suas inconsistências como apresentam as teorias, gera frustrações de forma que os casais acabam por descobrir no dia-a-dia que o amor idealizado é inatingível.

O amor possível no casamento tradicional era resultado da confluência de interesses dos grupos familiares a que pertenciam os cônjuges, somando-se a esse contexto o aspecto sócio-cultural e religioso, além do interesse econômico relacionado à sobrevivência da mulher, que sai de uma relação de dependência do pai para o marido.

Dos anos 50 até o dia de hoje, vem se desenvolvendo processos históricos e sócio-culturais, emergindo a valorização da mulher que conquista o mercado de trabalho e direitos que a igualam tanto nas relações conjugais quanto nas laborais. Além da igualdade de direitos no casamento conforme estabelecido na Constituição de 1988, houve a assunção da faculdade da mulher responder como provedora da família.

Das entrevistas realizadas durante o presente trabalho obtiveram-se resultados sob o enfoque de três eixos temáticos da relação conjugal, quais sejam: o namoro, o casamento e o relacionamento amoroso.

Quanto ao namoro foram destacados três aspectos: romance, união e paixão. Os homens no namoro sob a ótica do romance frsaram a importância da conquista no início do namoro e em seguida a perda paulatina do romance na relação.

Nos anos 70/80 ainda constituía motivo de casamento para as mulheres a prevenção contra a solidão e o amparo financeiro. Atualmente a mulher conquista

---

espaços cada vez maiores em todos os setores: no trabalho, na política e em casa. É por isso que essas mulheres não idealizam mais o amor romântico. Outras mulheres, ainda acreditam no romantismo, desde que haja convivência intensa e verdadeira. Verificou-se, ainda, que a paixão se desvanesse sendo necessário superar as vicissitudes da relação.

Sob a ótica da união o namoro é visto por homens e mulheres de formas parecidas, prestigiando ambos o sentimento de amizade.

A união do casal é construída desde o namoro até o casamento. Entende-se, no entanto, que atualmente não há diferença entre uma relação de namoro e o casamento. A própria lei reconhece hoje tal situação quando propugna pela união estável (Novo Código Civil, art. 1723, caput).

A primeira coisa que faz unir o homem e a mulher é a atração física, além de uma amizade recíproca, firmada desde o início da relação.

Para o estabelecimento da relação é necessário deixar-se conhecer pelo outro, transpondo qualquer medo de se relacionar ou se envolver. Muitos, no entanto, não chegam a experimentar esse medo, pois a relação ainda teria por finalidade proporcionar a ambos que estão envolvidos no namoro segurança e proteção. Observou-se que a busca por segurança e proteção na relação não é mais exclusiva das mulheres.

Sob a ótica da paixão constatou-se que o namoro extratifica-se na atração física e impulsos, reconhecendo-se, porém, que a paixão finda após algum tempo. A paixão configurou-se, também, como ilusão.

Quanto à temática do casamento, as respostas dos entrevistados foram categorizadas sob quatro aspectos: formalismo, rotina, espiritualidade e simbiose.

O aspecto formal do casamento foi abordado sobre três ângulos distintos, destacando-se a responsabilidade, o compromisso (entre ambos) e as obrigações jurídicas decorrentes do casamento.

Sob o aspecto da rotina asseverou-se que no casamento enfrentam-se situações que podem gerar conflitos, tais como: desrespeito, problemas do dia-a-dia, comunicação entre os cônjuges, diferenças de opinião e desinteresse.

A espiritualidade no casamento foi destacada não só pelas mulheres, mas também pelos homens, ficando claro não tratar-se mais de assunto das mulheres.

---

Foi também observado quanto ao casamento a existência de uma relação simbiótica — ou seja, aquela em que para um ou ambos os cônjuges é imprescindível estarem juntos o tempo todo.

A temática do relacionamento amoroso, por sua vez, foi categorizada sob quatro aspectos: relação a dois, relacionamento duradouro, modernidade e fragilidades.

Quanto à relação a dois foi destacada a necessidade do respeito mútuo e confiança; querer bem ao outro; conversar e compartilhar; a amizade e cumplicidade; e a responsabilidade.

Quanto ao relacionamento amoroso duradouro, constatou-se que o amor é fator imprescindível, além do respeito mútuo e, ainda do respeito à história do casal. Destacou-se, ademais, a necessidade de ser cuidador, companheiro, ter atenção com os filhos, administrando, ainda, as crises.

Quanto à modernidade observou-se que as mudanças sociais e políticas pelas quais passou o Mundo Ocidental, influenciaram também a vida dos casais, em face da ascensão da mulher em todos os contextos sociais, sobretudo no campo laboral.

A mulher passou a experimentar mais liberdade ingressando no mercado de trabalho e concorrendo com os homens e as outras mulheres, conquistando com isso mais igualdade dentro da relação. De outro lado, as mulheres assumiram o ônus de se desincumbir de novas responsabilidades dentro e fora da relação.

Essas mudanças fizeram com que a mulher tivesse que desenvolver novas habilidades para a manutenção de uma relação saudável.

Quanto às fragilidades examinadas no relacionamento amoroso, é possível destacar que em face das mudanças vividas pela sociedade, faz-se necessário uma concomitante mudança de paradigmas na relação conjugal para que esta não sofra rupturas.

De fato, tendo em vista a nova realidade social na contemporaneidade, vislumbra-se o surgimento desses novos paradigmas na relação amorosa e na construção da conjugalidade dos casais; sendo certo que vêm se operando a construção de um novo contrato estabelecido entre os cônjuges casados por mais de 25 anos, possibilitando a continuidade do relacionamento amoroso.

---

Após concatenadas as respostas obtidas na pesquisa de campo e fundamentadas no conhecimento dos expertos citados nas referências bibliográficas, é possível responder às inquietações relevadas na introdução da monografia.

Assim, atualmente não se verifica mais o amor romântico como outrora, pois os aspectos da perfeição e da eternidade não constituem mais crenças absolutas, principalmente por parte da mulher, configurando-se nas relações um novo modelo de relacionamento.

Nos dias de hoje, o amor à primeira vista não têm fervor como antes sonhado, porquanto a realidade do dia-a-dia exige responsabilidade e concretude.

A paixão e a atração física ensinam, ainda, o início de uma relação amorosa, embora não se sustente por muito tempo, a ponto de redundar numa relação de maior compromisso.

O matrimônio exige dos cônjuges compromissos e obrigações para a manutenção do casamento.

O casamento ainda constitui instituição hábil a preservar valores morais e sociais do Mundo Ocidental, porquanto seja ainda o modo mais corrente na formação dos grupos familiares, base da sociedade. No entanto, se reveste com nova roupagem em face das mudanças verificadas nos campos social, cultural e político, prevalecendo, de toda forma, sua importância. Mas, como inúmeras outras instituições, sofreu abruptas alterações na sua forma e conteúdo, em relação ao que vigorou desde a idade média até os dias de hoje.

Demais disso, observou-se que, não sendo instituição amorfa ou em desuso, o casamento pode e vem sofrendo mudanças que ressignificam o seu papel na sociedade moderna, desde que os cônjuges recontratem a relação sempre que houver necessidade, estabelecendo regras e/ou condutas tendentes a mitigar as crises e fragilidades decorrentes das mudanças porque não de passar no curso de sua vida em comum. Tais posturas tornam a relação mais saudável e duradoura.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberoni, F. (1997). O Erotismo. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Alberoni, F. (1999). Enamoramento e Amor. Rio de Janeiro: Rocco.
- Anton, I. L. C. (2000). A Escolha do Cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: ARTMED.
- Anton, I. L. C. (2002). Homem e Mulher: seus vínculos secretos. Porto Alegre: ARTMED.
- Bennett, W. J. (1995) O Livro das Virtudes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Colares, M. (2000, outubro). Casamento e “casamentos”. Disponível em: Jus Navigandi. (<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2091>) – Acesso em 19/03/2006.
- Costa, J. F. (1998). Sem Fraude nem Favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco.
- Diniz, M. H. (2004). Curso de Direito Civil Brasileiro. (19º ed.). São Paulo: Saraiva.
- Falcke, D. E Wagner. A. (2000). Mães e Madrastas: mitos sociais e autoconceito. Disponível em: SciELO Brazil. Acesso em 19/03/2006. ([http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2000000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000200007)).
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Disponível em: SciELO Brazil. Acesso em 19/03/2006. ([http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014)).
- Freire, R. e Brito, F. (1986). Utopia e Paixão: a política do cotidiano. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.



---

Giddens, A. (1992). A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Fundação UNESP.

Hintz, H. C. (2002, novembro). Entre o amor e o ódio nas relações conjugais. Em: Pensando Famílias. Porto Alegre: Domus, ano 4, nº. 4, pp. 39-47.

Lazarus, A. A. (1992). Mitos Conjugais. Campinas/SP: Editorial Psy.

Molina-Loza, C.A. (1998). Chaves para uma Terapoética da Família: conhecer e compreender a família brasileira. Belo Horizonte: Artesã.

Montoro, G. M. C. (2004). Amor conjugal e padrões de relacionamento. Em Vitale, M. A. F. (Org.), Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama (pp.101-133). São Paulo: Ágora.

Perazzo, V.L.D.Y.B. (2004). Abordagem simbólica do conflito conjugal: o corpo em cena. Em Vitale, M. A. F. (Org.), Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama (pp. 83-89). São Paulo: Ágora.

Pinheiro, F. C. S. (2005). Unões Homoafetivas. Do preconceito ao reconhecimento como núcleo de família. Disponível em: Jus Navigandi (<http://www.jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6495>). Acesso em: 10/03/2006.

Reis, T.L.S., Passos, H.R., Guimarães, M.L. e Salgado, P.O. (2004). Construindo o perfil de mulheres com trajetória de vida nas ruas: aproximação com a realidade da exclusão. Em: Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro, (pp. 1 – 7). Disponível: ([www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Saúde60.pdf](http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Saúde60.pdf)) Acesso em 23/05/2006.

Rojas, E. (1997). Remédio para o Desamor: como enfrentar as crises do relacionamento amoroso. São Paulo: Mandarin.

Rosset, S. M. (2004). O Casal Nosso de Cada Dia. Curitiba: Sol.

Therborn, G. (2006). Sexo e Poder: a família no mundo 1900 – 2000. São Paulo: Contexto.

---

Viorst, J. (2004). Casamento para Toda Vida. São Paulo: Melhoramentos.

Vitali, M. A. F. (Org.). (2004). Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama. São Paulo: Ágora.

Weil, P. (1995). Relações Humanas na Família e no Trabalho. (46ª ed.) Petrópolis: Vozes.

---

## **ANEXOS**

---

## ANEXO I

### UMA FESTA DE CASAMENTO<sup>1</sup>

Queridos filhos. Queridos amigos.  
Esta é uma data muito especial para nós, que somos as famílias dos noivos.  
A presença de todos vocês nos gratifica, por tudo o que envolve um casamento.  
Cada gesto, cada som, cada imagem tem significados próprios:  
Escolher o local da cerimônia e da festa ... Escolher os convidados ...  
Uma mãe conduzindo e entregando seu filho muito amado ...  
Um pai conduzindo e entregando a muita amada filha ...  
O pai do noivo e a mãe da noiva de braços dados: famílias que se entrelaçam e caminham juntas ...  
Inocentes levando as alianças e espalhando pétalas de rosas ...  
Um cortejo de padrinhos ...  
O padre ou o pastor ... O juiz de paz ...  
Os amigos presentes ...  
O sorriso, o abraço e os presentes desses amigos ...  
A música, as promessas, a troca de alianças ...  
Pois “casar” significa nada mais e nem menos do que “aliar-se”.  
E, no momento em que dois jovens trocam alianças, suas famílias se unem, se integram e toda uma história se modifica.  
Filhos, nós, seus pais, queremos acolhê-los e abençoá-los.  
Desejamos que curtam os momentos felizes.  
Que sejam respeitosos e verdadeiros nos momentos de conflito.  
Que saibam preservar e desenvolver o amor de um pelo outro e de cada um por si mesmo e por seus semelhantes.  
Que esta escolha lhes traga bons frutos, cumprindo-lhes o que lhes desejam seus antepassados, e preparando-se uma bela estrada aos seus filhos e netos.  
Volta às paradas de sucesso músicas que se ouvia na época em que nós, seus pais, casávamos: “Eu te amo, tu me amas ...” era o sentimento presente em cada uma delas.  
Velhas histórias ressurgem em nossas mentes, na medida em que se cumpre o ciclo da vida ...  
Sons e imagens se traduzem sob a forma de poemas, como este que lhes queremos dedicar, juntamente com nossos votos de que sejam felizes e que saibam cuidar bem da aliança que os une.  
Trata-se de um poema de Lia Torres maia que se chama, simplesmente,

#### “Cântico”

Deixa-me estar assim  
Diante de ti e amar-te  
No antigo silêncio;  
Olhar tua face verdadeira,  
Entre sol e esterela,

---

<sup>1</sup> Anton, I. L. C. (2002). Homem e mulher seus vínculos secretos. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 26-28.

---

Entre mar e terra.

Deixa-me ler nos teus olhos  
A marca dos mil caminhos percorridos,  
Pressentir teus segredos  
Sem sabê-los,  
Dar-me toda em amor-silêncio,  
Prisioneira da tua verdade.

Escuta:  
Quero dar-te outra ternura  
Que não das mãos  
Ou das palavras,  
Uma ternura que, como um vento,  
Venha de tudo,  
E de nenhuma parte  
E que seja ternura apenas,  
Sem resposta.

Quero dar-te outro calor  
Que não o do sangue,  
Um calor sempre aquecendo  
Os frios caminhos da solidão.

Quero olhar-te com olhos  
Que conhecem tua verdade.

Dá-me um tempo  
De silêncio e espera,  
E eu te revelarei!

---

## ANEXO II

### VACINAS CONTRA A ROTINA<sup>2</sup>

- a) *É importante compreender que o casal necessita, de vez em quando, sair de seus hábitos, de sua rotina; sair para jantar, ir ao cinema, ir passear ou ir a um espetáculo; enfim, fazer junto algo de que gosta.*
- b) *Também é necessário lembrar de fazer algo simples pelo outro: comprar uma rosa ou uma revista de mecânica; lembrar de algo visto ou lido que poderia interessar para comentar depois. Realizar um pequeno gesto é uma constatação de que pensa no outro.*
- c) *É muito importante a expressão de sentimento para com o outro. Quando isso é feito de maneira automática — um beijinho seco e ausente — aquele que o recebe não pode sentir-se satisfeito, nem amado. Então, é importante ter cuidado em como se despede e em como volta para o outro. A gentileza na expressão do afeto cria sempre novas formas de sair do esperado.*
- d) *Todos os dias, quando faltarem alguns minutos para chegar em casa ou para que seu par chegue, pensar no outro com ternura, voluntariamente. Esquecer o que não lhe agrada e descobrir um ângulo novo e agradável.*
- e) *Não é o bastante saber que você gosta de alguém. Essa pessoa necessita ouvi-lo dizer isso, afirmar, sussurrar, cantar todos os dias, de maneiras diferentes.*
- f) *Preparar-se quando tiver que falar algo desagradável ou difícil, fazer recriminações, comentar o que viu ou sentiu. Organizar-se, ficar tranqüilo e ser o mais objetivo possível para expressar suas divergências, mas com carinho e respeito para com o outro. Evitar falar no momento em que algo acontece; esperar um tempo para fazê-lo.*
- g) *Cuidar da imagem que mostra para o parceiro. Não importa o tempo que um casal está junto, ninguém deve permitir-se um desleixo na aparência. Essas imagens ficam e separam.*

---

<sup>2</sup> Rosset, S. M. (2004). O casal nosso de cada dia. Curitiba: Ed. Sol, p. 151-153.

- 
- h) Quando há filhos, trabalhem os dois pais fora de casa ou não, é um bom cuidado organizarem-se para que, ao chegar em casa, as crianças estejam prontas a fim de que o casal possa com elas compartilhar os momentos deliciosos que todos almejam e necessitam. Esse dar de si mesmo aos filhos é importante para ambas as partes; porém, se tudo não estiver preparado de antemão, demasiadas coisas se interpõem, e ninguém terá coragem ou a energia necessárias para esse momento de união.*
- i) Outra coisa muito importante para o equilíbrio do casal é que cada um tenha um interesse pessoal em algo diferente. É importante por ser algo criativo e tirar cada um de sua rotina diária.*

---

## **APÊNDICES**



---

**APÊNDICE A**  
**QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO**

**1. SEXO:**

**2. IDADE:**

**3. ANOS DE CASAMENTO:**

**4. QUANTIDADE DE FILHOS:**

**5. IDADE DOS FILHOS:**

**6. RENDA FAMILIAR (QUANTOS SALÁRIOS MÍNIMOS):**

**7. ATIVIDADE LABORAL:**

---

## **APÊNDICE B**

### **ENTREVISTA**

1. O QUE VOCÊ ENTENDE POR “RELACIONAMENTO AMOROSO”?
2. COMO VOCÊ VÊ AS DIFERENÇAS ENTRE NAMORO E CASAMENTO HOJE?
3. QUE CONDIÇÕES VOCÊ CRÊ QUE SÃO NECESSÁRIAS PARA SE RELACIONAR AMOROSAMENTE?
4. COMO VOCÊ CRÊ QUE SEJA O RELACIONAMENTO DE UM CASAL QUE ACABA DE SE CONHECER?
5. QUE CONDIÇÕES VOCÊ ACREDITA SEREM NECESSÁRIAS PARA DUAS PESSOAS CASAREM?
6. E O COTIDIANO DE UM CASAL QUE SE RELACIONA HÁ MAIS DE VINTE ANOS? COMO É?
7. COMO É O RELACIONAMENTO AMOROSO IDEAL PARA VOCÊ?
8. O QUE É UM CASAMENTO IDEAL PARA VOCÊ?
9. SER UM BOM MARIDO É... (JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA)
10. SER UMA BOA ESPOSA É... (JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA)
11. O QUE MANTÉM O SEU CASAMENTO HOJE?

---

## APÊNDICE C

### CATEGORIZAÇÃO: NAMORO, CASAMENTO E RELACIONAMENTO AMOROSO

NAMORO		
Romance	União	Paixão
<p><b>Dalila:</b> “Romântico é o namoro profundo vivido intensamente com a pessoa amada”</p> <p><b>Sansão:</b> “Depois da conquista, o romance vai se modificando com os anos que passam”</p> <p><b>Romeu:</b> “Os pares eram românticos, havia uma conquista”.</p> <p><b>Julietta:</b> “Para enfrentar os problemas que surgem no meio do caminho ambos devem ser verdadeiros e românticos”.</p> <p><b>Charles:</b> “Reconhecer o erro, perdoar e declarar eu te amo!”</p>	<p><b>Dalila:</b> “Buscar sentimentos bons é necessário para se ter uma boa união”</p> <p><b>Julietta:</b> “A vivência do casal é a mesma no namoro e no casamento, não faz muita diferença entre namorar e casar. Casamento e namoro não muda nada. Hoje em dia, namoro e casamento é uma coisa só; é tudo igual. As pessoas moram juntas, tanto namorando quanto se casando, ou não.”</p> <p><b>Romeu:</b> “O namoro da década de 60 era mais vigiado pelos pais, objetivava o casamento. Hoje, pela mudança de valores, o namoro e o casamento obedecem a novos conceitos, diferentes da década de 60, ou seja, é tudo igual”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Tanto no namoro quanto no casamento tem que haver uma amizade recíproca”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Tanto no namoro quanto no casamento tem que haver uma amizade recíproca, desde o primeiro momento”.</p> <p><b>Sansão:</b> “A primeira coisa que une o homem a uma mulher é a atração física”</p> <p><b>Charles:</b> “Infelizmente, a maioria das pessoas tem medo de se deixar conhecer, por isso acabam não namorando e perdem a oportunidade de se casarem e até serem felizes mais adiante.”</p>	<p><b>Dalila:</b> “Uma troca de beijos, abraços e carícias e só. O namoro traz expectativas, afeto e prazer; além da paixão”.</p> <p><b>Sansão:</b> “Desejar ardentemente estar com o outro; É uma atração; é uma cegueira por aquela pessoa”. E complementou: “O amor apaixonado é fogo”.</p> <p><b>Charles:</b> “Namoro é uma diversão; é paixão.” “Gostar do cheiro, da voz e do sorriso; tudo isso nos faz grandes amantes”. “Traz muita energia e disposição conhecer alguém, seus sonhos, seus projetos, suas ambições e sua história de vida.”</p> <p><b>Diana:</b> “Namoro tem paixão e tesão; tem que ter química”.</p> <p><b>Julietta:</b> “Paixão é uma ilusão”.</p>

## APÊNDICE C

### CATEGORIZAÇÃO: NAMORO, CASAMENTO E RELACIONAMENTO AMOROSO

CASAMENTO			
Formalismo	Rotina	Espiritualidade	Simbiose
<p><b>Dalila:</b> “No casamento aumentam-se as responsabilidades”.</p> <p><b>Dalila:</b> “O casamento é um namoro, que você assume um compromisso maior”.</p> <p><b>Sansão:</b> “No casamento cresce a responsabilidade institucional. No casamento cresce só a responsabilidade”.</p> <p><b>Sansão:</b> “Antigamente era preto no branco tinha que constar no cartório. É um contrato, uma ligação séria entre os dois. No casamento deixam-se herdeiros”.</p> <p><b>Charles:</b> “Casamento traz responsabilidade”.</p> <p><b>Charles:</b> “O casamento passa a ser uma obrigação; cuidamos da casa e das crianças”.</p> <p><b>Julieta:</b> “Cada um deve cumprir com o seu dever de equilibrar a família”.</p> <p><b>Julieta:</b> “O casamento, em sentido amplo, entre um homem e uma mulher, representa tanto direitos quanto deveres exercidos por ambos”.</p>	<p><b>Julieta:</b> “O certo é conviver em harmonia cultivando respeito mútuo e mantendo o amor. A rotina é monótona, cabendo aos dois discutirem os problemas e buscar as melhoras”.</p> <p><b>Julieta:</b> “Há necessidade de comunicação entre os dois, usando a sinceridade e a compreensão diante das dificuldades que surgirem”.</p> <p><b>Sansão:</b> “Existem a rotina da vida, os problemas dos filhos, a casa, dinheiro e outros. Com 20 anos de convivência o casamento já se maturou de vez. No dia-a-dia tem que ter uma boa comunicação e um entender o outro”</p> <p><b>Charles:</b> “Com o tempo o casal fica preso dentro de uma rotina sufocante e acaba perdendo as prioridades e tendo muitos problemas”</p> <p><b>Charles:</b> “Há certo comodismo. Os dois já não se interessam mais pelas histórias que têm para contar; não se esforçam para agradar um ao outro com coisas pequenas”.</p> <p><b>Dalila:</b> “Muitas vezes há diferenças de opinião. Muitas vezes, falta o respeito”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Na convivência diária um não tolera os defeitos do outro; há discordância e as coisas não ficam bem”.</p>	<p><b>Charles:</b> “É desenvolvido ao longo do tempo pode começar com uma amizade e transformar em alguma coisa mais profunda até atingir o amor”.</p> <p><b>Charles:</b> “Enfrentar o que precisar ser enfrentado, porque nossa missão ainda não acabou. Deus vai mostrando novos caminhos e novos desafios.”</p> <p><b>Sansão:</b> “Está baseado numa coisa chamada amor. É preciso amar até o último dia quando um dos dois vai embora; morre...”</p> <p><b>Sansão:</b> “A pessoa sente que não pode viver sem a outra. Desejam estar juntos mais tempo, todos os dias, todas as horas, todos os minutos”.</p> <p><b>Sansão:</b> “E o fator sexo tem que ser perfeito; tanto para o homem como para mulher”.</p> <p><b>Dalila:</b> “É uma forma de viver a dois: “na união de um homem e uma mulher; ambos tornam-se um só ser” É um só corpo, uma só alma”.</p> <p><b>Dalila:</b> “Um precisa estar em sintonia permanente com o outro. Um precisa estar com o pensamento sempre voltado para o outro. Necessidade de um estar ligado permanentemente no outro. Um tem que completar o que falta no outro”.</p> <p><b>Romeu:</b> “A bíblia fala o seguinte “os seres que são unidos por Deus nada separa”; tem que fazer tudo para estar sempre unidos. Deve ser um relacionamento totalmente desinteressado das coisas materiais e buscar o valor espiritual. Os dois têm que estar conectados de uma maneira muito sincera. A sinceridade está no plano afetivo e espiritual”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Ter uma amizade muito profunda e uma aceitação absoluta; boa compreensão. Quando se vive há mais de 20 anos tem que ter uma entrega profunda. Querer ficar o tempo todo juntos é o essencial”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Um homem sem uma mulher não é nada, a mulher sem o homem não é nada, tem “que haver as duas partes. Os dois se completam”.</p> <p><b>Julieta:</b> “... Sempre um estar se importando com o outro”.</p>	<p><b>Dalila:</b> “Um precisa estar em sintonia permanente com o outro. Um precisa estar com o pensamento sempre voltado para o outro. Um tem que completar o que falta no outro.”</p> <p><b>Sansão:</b> A pessoa sente que não pode viver sem a outra. Desejam estar juntos mais tempo, todos os dias, todas as horas, minutos. Necessidade de um estar ligado permanentemente no outro. E o fator sexo tem que ser perfeito; tanto para o homem como para mulher.</p> <p><b>Julieta:</b> “Evitar o individualismo. O ideal é sempre um estar se importando com o outro.”</p> <p>Um homem sem uma mulher não é nada, a mulher sem o homem não é nada, tem que haver as duas partes. Os dois se <b>Charles:</b> “Querer ficar o tempo todo juntos é o essencial.”</p>

## APÊNDICE C

### CATEGORIZAÇÃO: NAMORO, CASAMENTO E RELACIONAMENTO AMOROSO

RELACIONAMENTO AMOROSO			
A Dois	Duradouro	Modernidade	Fragilidades
<p><b>Dalila:</b> “A vida em comum exige doação. Exige respeito mútuo; amor”.</p> <p><b>Dalila:</b> “Reconhecer o próprio valor e conhecer os valores um do outro”.</p> <p><b>Diana:</b> “Tem amizade, cumplicidade, afeto e amor; não tem brigas”.</p> <p><b>Sansão:</b> “Quando uma pessoa tem um carinho especial pela outra; quando um quer o bem do outro”.</p> <p><b>Sansão:</b> “A responsabilidade é fundamental numa relação a dois”.</p> <p><b>Sansão:</b> “Quando um tem um grande defeito, se o amor for muito forte, o outro supera”.</p> <p><b>Charles:</b> “Ficar muito tempo juntos e cuidar um do outro; além de cuidar da família da melhor maneira possível”.</p> <p><b>Charles:</b> “É importante a pessoa se sentir segura mesmo que o companheiro ou companheira passe o dia longe. Confiar em si e no outro é o segredo.”</p> <p><b>Charles:</b> “Duas pessoas que têm afinidade, diálogo aberto e franco”.</p> <p><b>Charles:</b> “Duas pessoas que se amam e se querem muito e têm uma amizade profunda”.</p> <p><b>Julieta:</b> “Necessidade de falar, trocar idéias e compartilhar problemas comuns aos dois”.</p> <p><b>Julieta:</b> “Os dois são mais reais demonstrando o que realmente são”.</p>	<p><b>Dalila:</b> “Não tem solução, não tem saída... É só o amor”.</p> <p><b>Dalila:</b> Cada um tem que ter sua própria opinião e personalidade, ou seja, cada um tem o seu jeito de ser.</p> <p><b>Sansão:</b> Aceitar o outro do jeito que ele é. Depois de 20 anos ninguém mais muda.</p> <p><b>Sansão:</b> “Que amor seja eterno enquanto dure”.</p> <p><b>Sansão:</b> “Um precisa cuidar do outro”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Ter uma amizade muito profunda e uma aceitação absoluta; boa compreensão”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Para durar mais de 40 anos, ambos precisam ser fiéis, reais e companheiros”.</p> <p><b>Romeu:</b> “Os filhos fazem manter o casamento”.</p> <p><b>Julieta:</b> “Medo da solidão, por isso permanecer com o outro”.</p> <p><b>Julieta:</b> “Os anos de convivência mantêm o meu casamento hoje. Respeito a nossa história de vida juntos.”</p> <p><b>Diana:</b> “... E até um pouquinho de amor...”</p> <p><b>Diana:</b> “O respeito, a amizade, a confiança, estabilidade.”</p> <p><b>Charles:</b> “A nossa história é muito rica e forte demais para ser perdida ou esquecida.”</p> <p><b>Charles:</b> “Ter calma nas crises é o segredo para uma vida, a dois, duradoura”.</p>	<p><b>Sansão:</b> O bom é descobrir que é livre e que um não prejudica o outro.</p> <p><b>Julieta:</b> “A mulher passou a despertar, cada vez mais, o uso do seu direito de liberdade”.</p> <p><b>Julieta:</b> “A própria sociedade estava vivenciando uma transição entre a fase patriarcal, onde o homem detinha o poder familiar, e a fase em que a mulher avançou em suas conquistas sociais.”</p> <p><b>Julieta:</b> “Hoje a mulher enfrenta os mesmos problemas que o homem: o trabalho fora do lar, o trânsito, o medo, a competição profissional. O mundo moderno retirou da mulher o direito de melhor participar da vida da família.”</p> <p><b>Julieta:</b> “Para se ter uma relação ideal descobri que é preciso combinar nos valores sociais, ter equilíbrio psicológico e estabilidade financeira.”</p> <p><b>Charles:</b> “Com a emancipação da mulher muitas coisas mudaram. Hoje as mulheres decidem muito mais que os homens...”</p>	<p><b>Sansão:</b> “Ter amor durante toda a vida ... Como no namoro, a vida inteira é difícil. Com o tempo as intimidades aparecem demais e começam a aparecer os problemas.”</p> <p><b>Julieta:</b> “O amor transformou-se em companheirismo suportável.</p> <p><b>Charles:</b> “A Aids e outras doenças estão aumentando em número...”</p> <p><b>Charles:</b> “...então se acabar o amor é preciso verbalizar esse sentimento de desamor para tomada de novas decisões...”</p> <p><b>Charles:</b> “Se cada um vive sua vida e tenta encontrar uma realização amorosa fora de casa ou então se isola dentro de casa, essa relação está fadada ao fracasso”.</p> <p><b>Charles:</b> “... mesmo que isso leve ao divórcio será para o bem dos dois e até para o bem dos filhos”.</p> <p><b>Diana:</b> “Se descobrir mentiras e traição será o fim da relação e o início de uma separação”.</p>